

AGRICULTURA

EM SÃO PAULO

DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

SUMÁRIO

PREÇOS MÍNIMOS PARA A SAFRA 1966/67 ... 1

CUSTOS AGRÍCOLAS EM SÃO PAULO
SAFRAS 1964/65 e 1965/66

Algodão, Amendoim, Arroz, Café, Cana de Açúcar, Feijão, Mamona, Mandioca, Milho, Soja e Trigo 25

ESTATÍSTICAS :

Previsão de Safras 1965/66

Previsão de Safras de Frutas

Estimativa Final das Safras de 1964/65 e 1965/66

Preços médios recebidos pelos Lavradores e Produtores 45

ANO XIII

N.º 5/6

MAIO e

JUNHO

1966

DEPARTAMENTO DA PRODUÇÃO VEGETAL
SECRETARIA DA AGRICULTURA
ESTADO DE SÃO PAULO
BRASIL

"AGRICULTURA EM SÃO PAULO"

Boletim da Divisão de Economia Rural

Rua Anchieta, 41 — 10.º andar — Caixa Postal, 8083

São Paulo — Brasil

DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

DIRETOR: Eng.º Agr.º RUBENS ARAÚJO DIAS

S E C Ç Õ E S

Política da Produção Agrícola

Eng.º Agr.º Constantino C. Fraga - Chefe
Eng.º Agr.º Antônio Dinaer Piteri
Eng.º Agr.º Antonio Guedes B. Campos
Eng.º Agr.º Ramon Moreira Garcia
Socióloga Anna Perina R. de Arruda

Análise de Mercados e Preços

Eng.º Agr.º Mauro de S. Barros - Chefe
Eng.º Agr.º Luiz do Rego Monteiro
Eng.º Agr.º Pérsio Carvalho Junqueira
Eng.º Agr.º Everton Ramos de Lins
Eng.º Agr.º Arlindo Borba Oliveira
Eng.º Agr.º Natanael M. dos Anjos
Eng.º Agr.º Flávio Condé de Carvalho
Eng.º Agr.º Domingos Desgualdo Netto
Eng.º Agr.º Jubert Sanches Cibantos
Eng.º Agr.º Sergio Alberto Brandt

Comercialização

Eng.º Agr.º Ismar F. Pereira - Chefe
Eng.º Agr.º Jorge Demétrio Issa
Eng.º Agr.º Antonio Ambrosio Amaro
Eng.º Agr.º Paulo David Criscuolo
Eng.º Agr.º Claus F. Trench de Freitas

Organizações de Empresas Agrícolas

Eng.º Agr.º O.J. Thomazini Ettore - Chefe
Eng.º Agr.º Paul Frans Bemelmans
Eng.º Agr.º Milton Alberto Moyses
Eng.º Agr.º M. J. Martins Falcão
Eng.º Agr.º Luiz Matteu Pellegrini
Eng.º Agr.º F. Tarcizio Gois de Oliveira

Análise de Custo e Rendas Agrícolas

Eng.º Agr.º Antônio A.B. Junqueira - Chefe
Eng.º Agr.º Cyro Okamoto
Eng.º Agr.º Caio Takagaki Yamaguishi

Levantamentos Econômicos

Eng.º Agr.º Salomão Schattan - Chefe
Eng.º Agr.º M. Lourdes do Canto Arruda
Eng.º Agr.º Milton Nogueira de Camargo
Eng.º Agr.º João Carlos V. Vianna Netto

Previsão de Safras e Cadastro

Eng.º Agr.º Fernando S. Gomes Jr. - Chefe
Eng.º Agr.º Luiz Henrique de O. Piva

DEPARTAMENTO DA PRODUÇÃO VEGETAL

Diretor Geral: — Eng.º Agr.º José Calil

SECRETARIA DA AGRICULTURA

DO

ESTADO DE SÃO PAULO

PREÇOS MÍNIMOS PARA A SAFRA 1 966/67

Divisão de Economia Rural

1 — INTRODUÇÃO

Com o findar da presente temporada de 65/66, encerra-se a vigência do Decreto n.º 54.294 de 18/9/64, que havia assegurado preços mínimos para duas safras consecutivas, isto é, 64/65 e 65/66. Seria o caso de procurar aquilatar os resultados dessa medida, já que entre nós foi a primeira vez que os preços de garantia abarcaram período maior que o de uma safra. Tudo indica entretanto que uma tal tentativa seria infrutífera, pois uma série de causas como: a fixação em muitos casos, de preços mínimos em níveis "nominais" (muito distanciados dos preços de mercado), inobservância dos prazos previstos em lei para o estabelecimento, revisão e divulgação de tais preços, os efeitos da política econômica geral, etc. fizeram com que a experiência se tornasse totalmente anódina. Não se dispõe assim, de elementos informati-

vos capazes de indicar a orientação neste aspecto. Todavia, tendo em conta uma das grandes deficiências da lei que rege o assunto dos preços mínimos e oportunamente (1) já comentada, qual seja a não inclusão de produtos cuja garantia de tais preços fosse obrigatória, julgamos preferível a repetição da experiência.

Não se tratará aqui de considerações teóricas em torno de certos aspectos do sistema de garantia de preços, como tem sido feito nos trabalhos dos anos anteriores. Unicamente com o intuito de colaboração com as autoridades federais responsáveis, no sentido de obter-se maior coerência de orientação, lembramos a discrepância grave que tem havido entre o que preceitua o art. 85 e seus dois parágrafos da lei 4.504 (Estatutos da Terra) de um lado e do outro, não só os atos da Comissão de Financiamento da Produção, como ainda definições

(1) "Agricultura em São Paulo" — Divisão de Economia Rural — S.A. — Ano IX — N.º 12 — págs. 1 e 2.

sobre preços mínimos emitidas por altas autoridades federais.

Há manifesta contradição entre o que diz essa Lei (que aliás é a mais atual) e o que tem sido feito e divulgado em matéria de preços mínimos. Repetimos que com o exposto, deseja-se apenas eliminar discrepâncias sérias nas diretivas fundamentais, reforçando assim a ação das autoridades, até porque não se endossa os conceitos do artigo e parágrafos citados.

2 — PANÓRAMA ECONÔMICO

Atende-se àquilo que diretamente interessa ao presente trabalho, consigne-se que durante a atual temporada, a continuidade da luta contra a inflação, permaneceu como o principal traço da política econômica do País. Não importa saber se tal luta assumiu proporções deflacionista ou desinflacionista, até porque não existem limites quantitativos que distinguem os dois conceitos. O que cumpre registrar é que a contribuição que se exige da agricultura para esta luta, tem sido grandemente pesada, pois além de sofrer os efeitos gerais da maior escassez do dinheiro, permanece sendo o setor onde muitos dos seus produtos tem o preço "congelado" pelo Governo, enquanto ficam livres os preços dos produtos e serviços de que se utiliza. Também os encargos sociais continuam a incidir de modo relativamente maior neste setor, já que são de criação recente. Por fim, registre-se que a luta an-

ti-inflacionária tem-se mostrado muito mais árdua do que o esperado, ou pelo menos prometido, por importantíssimos círculos oficiais. Alguns destes com efeito chegaram a indicar data para o fim do período inflacionário e ao que parece, todos consideraram que o processo fosse contínuo, não contando com possibilidades de retrocesso. No entanto observa-se uma inflação renitente, pertinaz, com inesperados surtos de recrudescimento e que já ofereceu amplas provas de que resistirá dura e longamente às tentativas para sua extirpação. Um exemplo dessas recidivas inflacionárias pode ser dado pelo comportamento do Índice Geral de Preços, o qual no 2.º semestre de 1965, acusou uma elevação de 8% e nos primeiros seis meses deste ano, mais de 25%.

3 — RETROSPECTO DO ANO AGRÍCOLA

Embora bastante estranho, o fato é que nossos dirigentes não se libertaram ainda de mau vêzo de levar a crédito quasi exclusivo da ação governamental os bons anos agrícolas e ao mau tempo, os anos adversos. Não vem a pêlo tentar explicar aqui as razões deste comportamento, decorrente de inúmeras causas, dentre as quais está o fato de que nossa agricultura não conseguiu ainda romper o círculo vicioso de safras abundantes e preços aviltados seguidas de colheitas minguadas e altos preços.

O ano agrícola de 1964/65

tinha sido um desses anos de boas colheitas, os quais, devem ser aprovietados pelo Governo para tentar romper o circulo mencionado, pois então é que se deve tomar uma série de providências, como a aquisição de produtos para formação de estoques reguladores, garantia efetiva do preço mínimo etc. Tais providências não se fizeram sentir na escala desejada e isso somado a muitas outras causas, mórmente às genéricas de natureza econômica, contribuíram para que 1965/66 não se afastasse da tendência normal, isto é, fosse um ano de contração de plantio e menores colheitas que seu predecessor. Assim, é, que a área de plantio dos 18 principais produtos acusou um retraimento de 10%. Dentre os produtos mais importantes cita-se o algodão com retraimento de 27% no plantio, o arroz com 34%, o feijão com 4% (duas safras), o milho com 2% e a batata com 17%. Como sempre ocorre, alguns produtos contrariaram a tendência e dentre estes o caso mais notável é o do amendoim, cuja área de plantio em 66 foi aproximadamente 16% maior que a do ano anterior.

Quanto ao volume das colheitas, houve grande variação no comportamento dos produtos, alguns dêles como o algodão e o milho compensando com sobras, pelo maior rendimento unitário, o menor plantio e outros como o feijão acumulando "deficits" no plantio e no rendimento. Em resumo, foi um ano menos ativo que o anterior com diferenças nítidas, porém não exage-

radas. Isso, quanto ao balanço físico. No que diz respeito ao aspecto econômico, o menos que se pode dizer é que as grandes dificuldades já observadas em 64/65 permaneceram em 65/66 e muitas delas foram até agravadas. Para só mencionar alguns dos mais destacados problemas, diga-se que a comercialização da cana continua com as mais negras perspectivas, que o preço a ser recebido pelo produtor pelo seu café será quasi igual àquele de dois anos atrás, que o algodão foi vendido com grandes dificuldades e a preços pouco acima dos do ano anterior e tudo isso suportando um acréscimo considerável nos custos de produção. Produtos que experimentaram grandes acréscimos nos preços como o feijão e o arroz, pouco alívio trouxeram às finanças dos lavradores, pois estavam escassos. O caso do arroz tem até provocado maiores ressentimentos entre os lavradores, pois grande parte do produto que está sendo consumido, a altos preços, foi vendido pelo produtor na safra anterior a preços bastante aviltados. Isso, acrescido de inúmeros outros fatos que poderiam ser citados, configuram um ano agrícola de resultados desalentadores, o qual, por sua vez é a continuação de ano agrícola também mantido quanto ao aspecto econômico.

4 — PERSPECTIVAS PARA O PRÓXIMO ANO AGRÍCOLA

Razões de diversas ordens impediram que este ano fosse

feito o estudo relativo às intenções de plantio para o próximo ano. Com base todavia nas informações e dados obtidos e com a ressalva sobre a grande parcela de "subjetivismo" presente, pode se dizer o seguinte a respeito da próxima temporada:

a) — Haverá nova retração na superfície total de plantio e cremos que não em favor da pecuária, já que está havendo sobra de pasto.

b) — Dentre os cultivos principais, provavelmente o milho e o algodão serão aqueles a apresentar maior contração de área.

c) — O plantio do arroz deverá ser igual ou talvez levemente superior ao do ano precedente, quando registrou-se forte diminuição. O feijão "das águas" não obstante a menor reação da oferta deste produto às condições de mercado, deverá apresentar razoável aumento dado os excepcionais níveis de elevações em suas cotações.

d) — As oleaginosas, lideradas pelo amendoim, deverão continuar a exercer certa atração entre os lavradores. O girassol e a soja talvez registrem grandes taxas de aumento, continuando, todavia a serem cultivos limitados, de "tacteio" econômico.

5 — OBJETIVOS E CRITÉRIOS

Face aos últimos pronunciamentos das autoridades li-

gadas mais diretamente ao assunto, sobre o entendimento que emprestam ao preço mínimo, forçoso é disistir de aproveitar as possibilidades que oferece o sistema de garantia de preços como poderoso auxiliar duma política de produção, que seria por exemplo o estímulo à expansão de culturas necessárias, o desestímulo às que estivessem com excesso de produção, o tratamento preferencial às variedades mais interessantes etc.

Com efeito, afirmando que o preço mínimo não deve ser o preço de mercado (que aliás parece nunca ter sido defendido por ninguém) mas sim um preço suporte a que o produtor poderá recorrer caso não consiga vender normalmente sua mercadoria, deixasse clara a intenção de limitar o sistema às suas funções precípuas, tornando-o estático. Aliás, talvez nem isso se possa dizer, uma vez que falar em preço suporte sem definir o que vem a ser esse suporte é o mesmo que não sair da estaca zero. Também vincular o preço mínimo ao preço de exportação pode, em certas circunstâncias (caso por exemplo de produtos quasi totalmente absorvidos pelo consumo interno ou daqueles em que os produtores de outros países recebem subsídios suplementares aos preços internacionais) tornar o sistema pouco efetivo, senão totalmente inócuo.

A vista do que vem de ser exposto, teria pouco sentido insistir-se na adoção de critérios que implicassem em gran-

6 — ANÁLISE INDIVIDUAL DOS PRODUTOS

6.1 — ALGODÃO

Panorama mundial — A situação internacional do algodão encontra-se inteiramente influenciada pela nova política norte-americana relativa a esse produto, denominada “one-price program” e que deverá vigorar nos próximos quatro anos. Em poucas pinceladas, pode-se afirmar que o objetivo norte-americano é colocar no mercado mundial a maior quantidade possível dos seus enormes estoques, desestimular a expansão do plantio nos demais países, manter a sua própria produção em posição de equilíbrio com as necessidades do consumo interno e da exportação normal e assegurar tanto para o industrial como para o exportador de algodão norte-americano, um preço único para o produto. Uma das medidas para a consecução desse objetivo, foi a de rebaixar o preço mínimo de garantia e consequentemente, de exportação.

Para chegar de imediato ao ponto que mais interessa ao presente trabalho, consigne-se que na declaração final da 25.ª Reunião Plenária do International Cotton Advisory Committee, realizada em junho último no Perú, os E. E. U. U. declararam que para a próxima temporada (1-8-66 e 31-7-67) o preço para o “*Middling 1*” não será inferior a 22 cents/lb, ao qual deverá ainda ser acrescentada a “charge” correspondente a armazenagem, seguro, etc. quando das vendas mais

des afastamentos das diretrizes acima comentadas, embora mais adequados às necessidades reais da agricultura. Dai uma das razões para adotar-se neste ano a análise específica de cada produto com a sugestão de medidas que forem consideradas adequadas a cada caso, sem maiores preocupações de vinculá-las a critérios genéricos. Isto, sem perder de vista o fato de que a agricultura, mais do que nunca, está necessitando obter níveis de renda que permitam a manutenção das suas atividades, senão em proporções normais, ao menos sem grandes reduções, evitando tanto quanto possível o aumento do desemprego nos campos e o rebaixamento do padrão de vida das populações rurais. Também ter-se-á presente o fato de que a inflação não foi debelada ainda e que entre esta data e meados do próximo ano, ela continuará a incidir, pressionando a atual taxa cambial. A propósito da queda do poder aquisitivo da nossa moeda, cumpre dizer que no trabalho correspondente ao ano anterior, admitiu-se a elevação de apenas 20%. Sabia-se, ser excessivamente prudente dita taxa, como realmente os fatos o comprovaram, quasi duplicando-a. Era entretanto um crédito de confiança na política econômica do País. Para o próximo período ir-se à ainda manter esse crédito de confiança, porém de forma levemente mais realista, admitindo-se uma elevação de 25% no índice geral dos preços.

tardias. Os E.E.U.U. deixaram claro entretanto que a manutenção do nível de 22 cents fica condicionada a um não aviltamento dos preços internacionais por parte dos demais exportadores. Na realidade, há ponderáveis razões para se acreditar que os preços no mercado internacional serão consistentemente maiores que o "chão" acima mencionado, pois além deste fato é preciso ter em conta:

a) — As vendas dos estoques da C.C.C. para efeito de assegurar os subsídios aos produtores, já haviam sido realizados em sua quasi totalidade e a qualidade de tais algodões é algo depreciada.

b) — A considerável redução no plantio da safra norte americana de 66/67 que atinge a quasi um quarto da superfície total de cultivo e que assegura desde logo uma diminuição dos estoques para a próxima temporada.

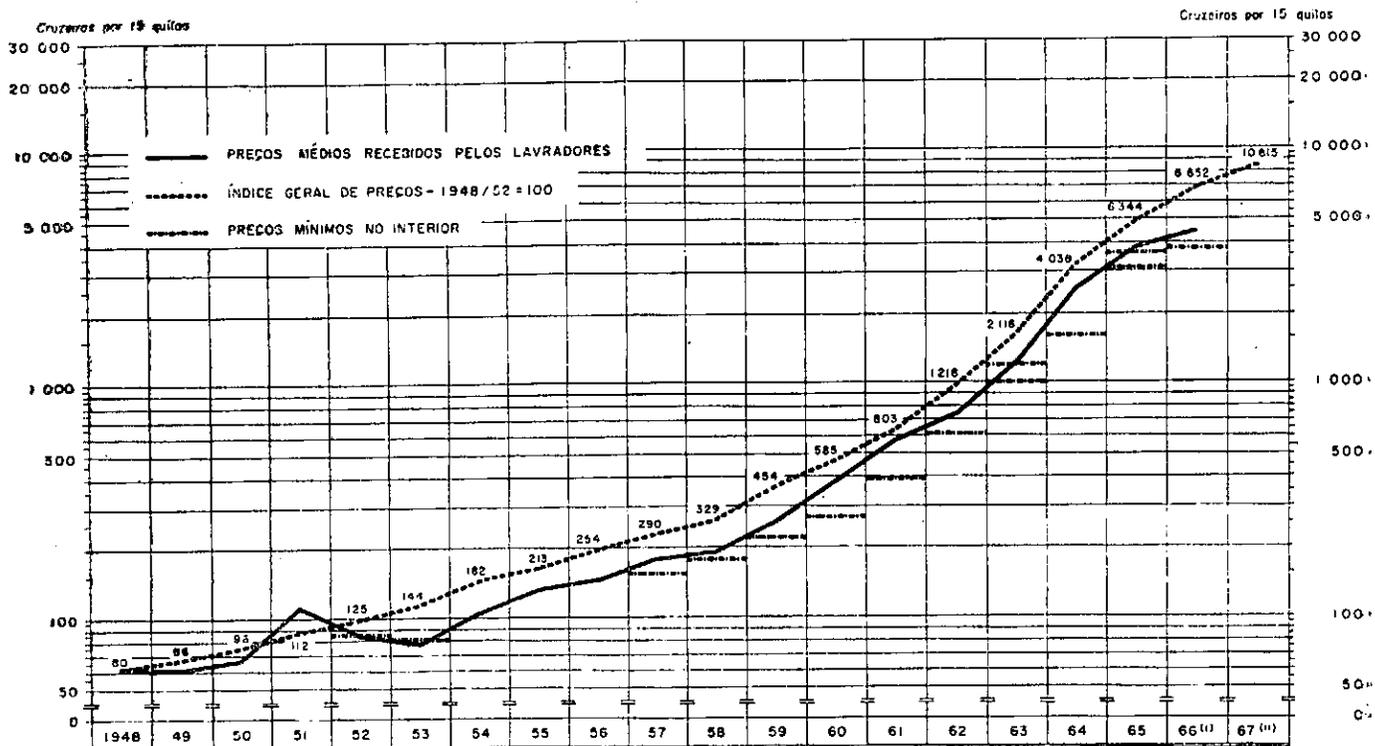
c) — Manutenção da tendência para o aumento do consumo total inclusive nos E.E.U.U.

Em suma, há perspectivas de grande estabilidade nos preços mundiais do produto, embora mantidos em níveis considerados baixos e em que pese o propósito manifestado pelos E.E.U.U. de colocarem nos próximos 3 anos, 17 a 18 milhões de fardos no mercado mundial.

Situação interna — O aspecto positivo da safra 65/66 e quase que o único, foi o novo recorde de produtividade

obtido pela cotonicultura paulista. Com efeito, apesar de serem ainda incompletos os dados, já está assegurado um rendimento por unidade de área que supera em mais de 20% o máximo até então obtido (1963/64), em mais de 44% a média dos últimos 5 anos e em mais de 80% o resultado do ano passado. Ultrapassando as 228 arrôbas de algodão em caroço por alqueire, São Paulo se coloca entre as regiões que melhores rendimentos conseguem com cultivos não irrigados e iguala mesmo os rendimentos em alguns anos obtidos em países de alta produtividade como México, E.E.U.U. e Perú. Infelizmente este último feito não pode ser atribuído a uma melhoria técnica, pois até que sob certos aspectos, notadamente o de emprego de adubos, observou-se retração. A menor área de plantio e sobretudo o transcurso favorável do tempo, que inclusive elevou bastante o rendimento da zona onde há a presença da "murcha algodoeira" foram os dois principais fatores para o sucesso no rendimento físico da cultura. (Quadro 1).

No que respeita à parte econômica, o quadro é bem menos favorável. O ano algodoeiro já havia sido iniciado sob bastante desânimo, tanto que a superfície plantada acusava uma retração de mais de 1/4 (27%) em relação à área precedente. Quando da colheita, surgiram dificuldades na comercialização do produto, relacionadas principalmente com o preço mínimo, em torno do qual fez-se grande expectativa



Escola semi-logarítmica
 FONTE: Divisão de Economia Rural - Secretaria da Agricultura

(1) PRELIMINAR
 (2) ESTIMATIVA

Evolução dos preços do ALGODÃO EM CAROÇO no Estado de São Paulo

QUADRO 1. — Algodão em São Paulo

Médias quinqüênios e anos	Área plantada 1.000 ha	Produção 1.000 arrobas em caroço	Rendimento agrícola kg/ha	Preços médios recebidos pelos lavradores		Índice geral de preços no Brasil (1)
				preços correntes Cr\$ 15/kg	índices	
Médias						
1948/52	1 094	40 930	557	78	100	100
1953/57	729	36 706	769	129	165	217
1958/62	528	35 433	1 004	433	554	678
Anos						
1960	498	35 197	1 059	390	499	585
1961	569	34 675	914	588	752	803
1962	678	47 514	1 052	744	951	1 218
1963	605	39 329	987	1 200	1 534	2 116
1964	508	39 801	1 175	2 500	3 205	4 038
1965	653	34 000	781	3 880	4 974	6 344
1966 (2)	477	45 000	1 415	4 425	5 673	8 652

FONTE: Divisão de Economia Rural.

(1) Baseado no índice "2" de "Conjuntura Econômica" da Fundação Getúlio Vargas.

(2) Estimativa.

para terminar com o órgão responsável divulgando com enorme atraso em relação aos prazos da lei, bases de preços inferiores à média obtida pelos cotonicultores na colheita precedente. Tal providência contribuiu mesmo para deprimir ainda mais os preços durante certo tempo após sua divulgação. Em resumo, o preço médio a ser obtido pelo produtor deverá ser neste ano cerca de 14% apenas maior que o de um ano atrás, o que significa ponderável queda em termos reais. A isto, ter-se-ia que acrescentar ainda as delongas e outras dificuldades na ultimação das transações. Em resumo, passou-se mais um ano agrícola com resultados francamente insatisfatórios para os cotonicultores. Pode-se assim ter como certo que haverá nova restrição na próxima superfície de plantio. Tal contração de área, provavelmente não será tão grande como anunciam certos cotonicultores, até porque não existem alternativas sedutoras. De qualquer forma porém ela deverá ocorrer e isso é bastante sério, pois a superfície de plantio desta última safra já esteve 30% abaixo da área considerada satisfatória para o Estado de São Paulo (280 mil alq. ou 678 mil hectares).

Critérios — Por razões pragmáticas não vamos retornar a considerações em torno do critério adotado pela Comissão de Financiamento da Produção, qual seja o de vincular o preço mínimo do algodão ao seu preço de exportação. Queremos apenas ponderar que o preço

F.O.B. a partir do qual será deduzido o preço do algodão em caroço, no interior do Estado, pode, pelas razões atrás expostas, ser seguramente (ao menos, até o ponto em que se pode falar em segurança ao se tratar de mercados) fixado em 23 cents por libra pêso.

Tomando-se êste preço como ponto de partida, a correspondência para a arrôba de 15 quilos de algodão em caroço, tipo "5" ou "regular" no ponto mais distante do Estado (Mirante do Paranapanema) será o de Cr\$ 4.500 levando-se em conta as novas disposições previstas pelo CONCEX (Conselho do Comércio Exterior) e já insusceptíveis de dúvidas. Cumpre ainda assinalar que, uma vez estando os preços mínimos de garantia presos ao preço de exportação, deveria esta ser totalmente liberada a fim de que a lavoura recebesse realmente êsse preço. Dessa forma, deveriam ser extintas as quotas de exportação e liberadas as vendas de todos os subprodutos, inclusive a da torta. A indústria, deveriam ser estendidos créditos para que a mesma pudesse adquirir a matéria prima em condições competitivas com o mercado exportador.

Finalmente consigne-se que, caso se queira contemplar um preço mínimo ao algodão, que diminuisse o risco de grandes reduções no próximo plantio, embora muito longe de ser estimulante, seria necessário pelos menos adotar-se a base de Cr\$ 5.400, nas mesmas condições de pêso, tipo e local. De notar que êste nível de preço

estária ainda, em termos reais, 35% abaixo do preço médio alcançado pelo cotonicultor paulista no quinquênio 1948/52. Neste caso entretanto, para que o produto fosse exportável seria preciso proceder-se a um reajuste cambial da ordem de 15% na desvalorização do cruzeiro.

6.2 — ARROZ

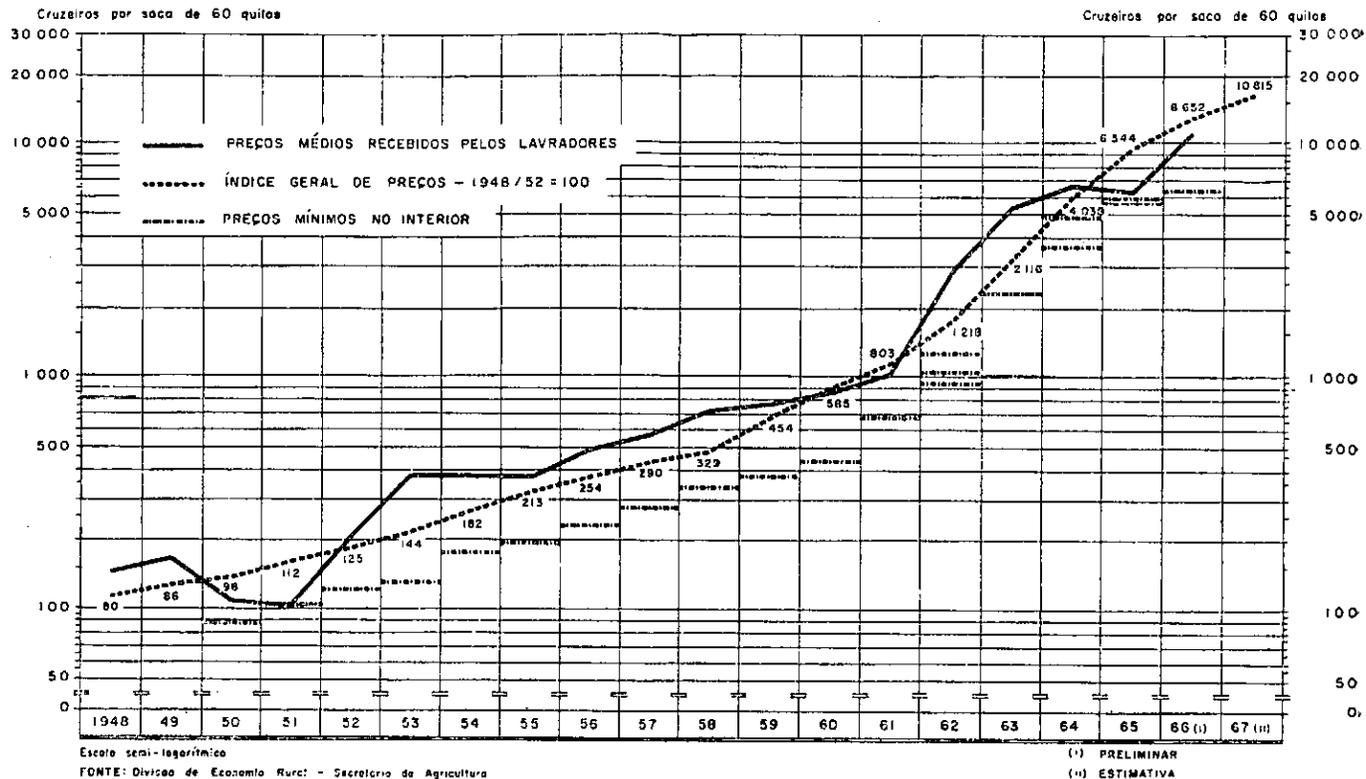
O comportamento do ano agrícola 65/66 com respeito a este cereal, foi típico do "movimento de gangorra" que reflete o atraso em que se encontra ainda a economia de muitos dos nossos principais produtos agrícolas e caracterizado pela alternância de anos de boas safras e preços baixos com anos de colheitas minguadas e elevados preços. Com efeito a abundância da colheita de 64/65, na qual os produtores viram-se compelidos a vender substancial parcela do seu produto à C.F.P., a preços bastante insatisfatórios, seguiu-se um ano de plantio substancialmente menor. Esta contração na área plantada alcançou 34%, muito próxima dos 37% previstos no estudo de "prognóstico" (out-look) efetuado em junho de 65 pela Divisão de Economia Rural da Secretaria da Agricultura. Infelizmente, essa menor superfície de plantio não resultou em aumento na produtividade como seria de esperar. Ao contrário, ocorreu queda de 16% nos rendimentos, disso resultando uma redução de aproximadamente 45% no volume da colheita.

Tendência semelhante à de São Paulo, apresentaram as produções das demais zonas orizícolas do País, mormente dos estados do Brasil Central, com isso provando forte retração na oferta e conseqüente elevação dos preços, os quais, ao nível do produtor, deverão ser em média 75% superiores aos vigentes em 1965.

Esse maior preço recebido pelos produtores e sobretudo as elevadas cotações do produto nesta época que antecede o plantio, deverão certamente influir no sentido duma expansão na futura área de arroz. Estão entretanto presentes, alguns fatores contrários, dentre os quais, os baixos rendimentos unitários que impediram melhores resultados econômicos, as dificuldades na comercialização da safra 64/65 com as vendas à C.F.P. pelo preço mínimo e finalmente o desânimo generalizado que parece reinar na agricultura.

O balanço dêsse quadro permite admitir uma área de plantio aproximadamente igual à de 1965/66, talvez mesmo com um ligeiro aumento. (Quadro 2).

Com já foi dito em trabalhos anteriores, sob o ponto de vista desta cultura em si e para S. Paulo, seria até vantajoso que a orizicultura não se expandisse além dos 650.000 hectares, (área considerada como a mais conveniente) dados os enormes riscos que oferece o "cultivo em sequeiro" e a baixíssima produtividade aqui obtida proveniente de várias causas inclusive do próprio sistema de cultivo acima men-



Evolução dos preços do ARROZ EM CASCA no Estado de São Paulo

QUADRO 2. — Arroz em São Paulo

Médias quinqüênios e anos	Área plantada 1.000 ha	Produção 1.000 sacos 60 kg em casca	Rendimento agrícola kg/ha	Preços médios recebidos pelos lavradores		Índice geral de preços no Brasil (1)
				preços correntes Cr\$ saca 60 kg em casca	índices	
Médias						
1948/52	495	11 759	1 425	147	100	100
1953/57	542	9 205	1 026	440	299	217
1958/62	573	10 840	1 132	1 252	852	678
Anos						
1960	573	11 000	1 152	845	575	585
1961	644	13 200	1 230	1 030	701	803
1962	508	10 200	1 204	5 270	3 585	1 218
1963	762	12 000	945	2 910	1 980	1 218
1964	1 108	15 000	812	6 570	4 469	4 043
1965	1 065	17 100	964	6 210	4 224	6 344
1966 (2)	702	9 500	812	11 020	7 497	8 652

FONTE: Divisão de Economia Rural.

(1) Baseado no índice "2" de "Conjuntura Econômica", da Fundação Getúlio Vargas.

(2) Estimativa.

cionado e que predomina quasi totalmente nêste estado e em todo o Brasil-Central. Todavia neste ano, com as perspectivas duma retração no conjunto das atividades agrícolas e as implicações sócio-econômicas que tal fato poderá acarretar, talvez fosse mais interessante a perspectiva dum mais substancial aumento de plantio.

Crítério — Como é fato notório, o preço mínimo do arroz foi, para a safra de 65/66, idêntico ao do período 64/65 — ou seja, Cr\$ 7.500 por 60 quilos, para arroz de grão médio, tipos 1 e 2, posto nos centros de consumo. Na manutenção dessa base, que obviamente significou em termos reais, muito menor preço para o produto da última safra, muito deve ter influido as volumosas compras de arroz da safra de 64/65 efetuadas pela Comissão de Financiamento da Produção. Para 1966/67 é evidente que tais níveis de preço precisam ser reajustados. Levando-se em conta o aumento dos custos verificado no intervalo de dois anos agrícolas e a última base de preços proposta pela Secretaria da Agricultura, iremos encontrar um “quantum” aproximado de Cr\$ 11.000.

Esta base, que corresponde também ao atual preço de mercado menos uma ponderável margem de garantia, pode ser considerada como satisfatória aos objetivos já expostos, desde que entendida como preço posto no interior

do Estado, por pêso, tipo e qualidade também já citados, ou seja, 60 quilos de arroz em casca, grãos médios tipos 1 e 2.

6.3 — AMENDOIM

Das principais explorações agrícolas do Estado é esta a única em que se pode reconhecer possibilidades de expansão no próximo plantio, pois é certo que continua a exercer atração junto aos lavradores. Isto, inclusive por ser também a única cujos preços em termos reais veem sendo mantidos ou pelo menos, compensando a desvalorização da moeda.

No ano anterior, quando a situação era parecida com a atual, fôra previsto no trabalho sôbre “prognóstico já citado, um aumento de 15% na superfície de plantio para 1965/66, correspondente portanto quasi exatamente aos 16,4% verificado. A produtividade, embora menor (causada quasi exclusivamente pela safra “da sêca” com resultados bem inferiores à que lhe correspondeu no ano precedente) continuou sendo muito boa e apenas 4,5% abaixo daquela obtida em 1964/65. Os 1.385 quilos/hectare de amendoim em casca, obtidos nêste último ano (média das 2 safras) colocam-no em 3.º lugar quanto aos anos de maior produtividade. Quanto aos preços recebidos pelos lavraores, a média deverá situar-se em tórno de Cr\$ 5.370 por sacco

de 25 quilos em casca, ou cerca de 40% a mais que a média do período anterior. Em suma, foi este, um bom ano para o amendoim e continuam favoráveis as perspectivas para 1966/67. (QUADRO 3).

Critérios — Acrescentando-se à base de Cr\$ 4.000 proposta para 1965/66, a estimativa de 25% para a queda no poder aquisitivo da nossa moeda, encontrar-se-à o nível de Cr\$ 5.000 para a saca de 25 quilos do amendoim em casca, tipo "3", que se propõe por preço mínimo a vigorar no interior o Estado, para o próximo ano. Tal preço, que é cerca de 15% menor que a média a ser obtida, pelos produtores no presente ano, atende ao que tudo indica às finalidades do preço mínimo no que refere à economia deste produto.

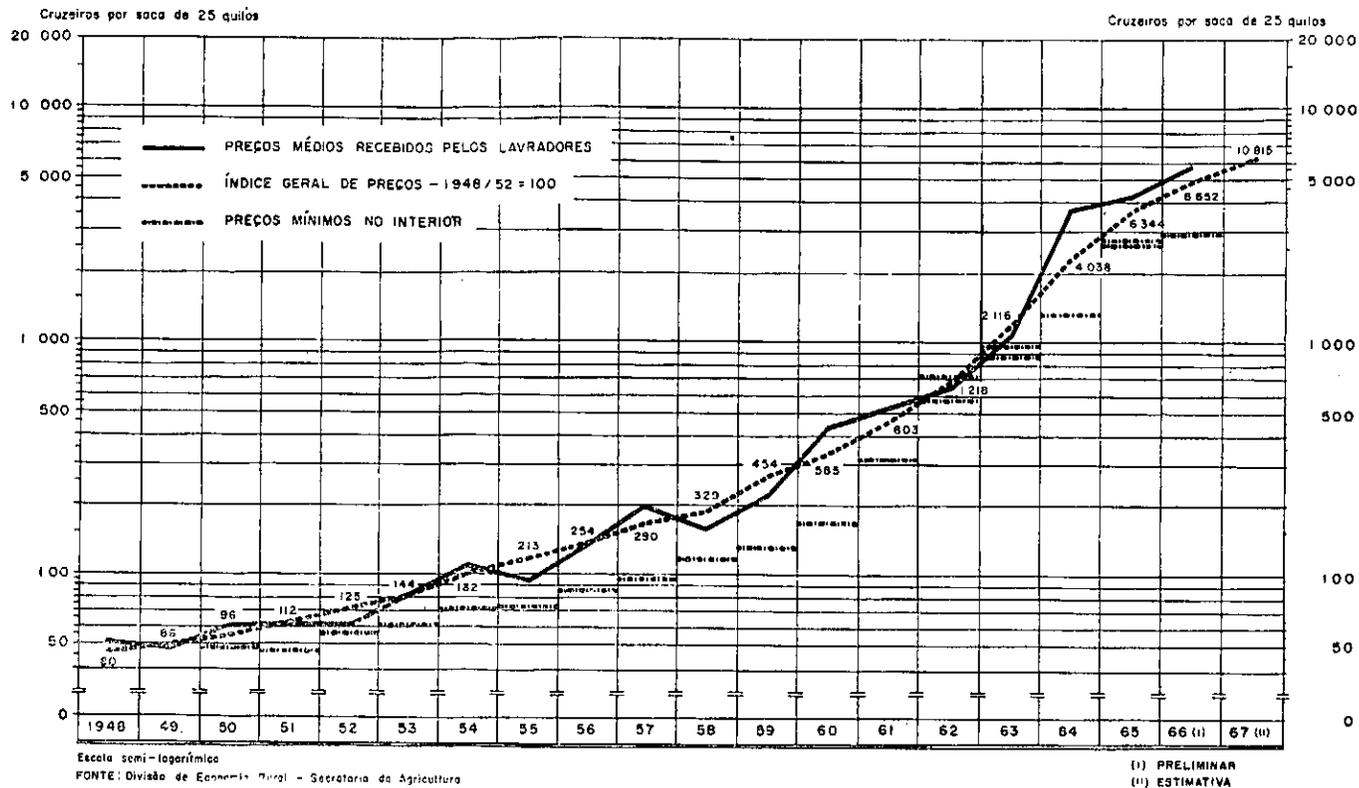
6.4 — FEIJÃO.

Inútil reprisar aqui, o que já tem sido dito em anos anteriores a respeito das peculiaridades desta cultura e as dificuldades encontradas para a sua racionalização técnica e que vão desde a obtenção de sementes selecionadas e a redução do número de variedades obtidas, até a passagem do estágio de cultura de subsistência para aquele de cultura comercial. Parece também dispensável tecer maiores considerações em torno da relativa insensibilidade desta cultura aos preços mínimos e aos preços de mercado, embora aqui a resposta seja bem

maior, mormente quando eles acusam grandes elevações. Como o preço médio a ser recebido pelos produtores, deverá ser este ano, cerca de 140% maior que o verificado no ano precedente é lícito admitir-se um aumento na próxima área de plantio. Como já foi dito entretanto, a oferta deste produto é menos elástica que na maioria das demais culturas e assim o aumento acima, não deverá ser muito grande.

A elevação verificada nos preços deste ano, deveu-se basicamente às adversas condições climáticas que prevaleceram nas principais zonas produtoras do País. Em São Paulo, houve uma pequena redução no plantio (4%) e uma diminuição mais acentuada no rendimento (14%) o que resultou, em relação à 1964/65, num volume de colheita inferior em 17%. Isto, somado às menores ofertas das tradicionais zonas abastecedoras do Estado, provocou a vertiginosa alta nos preços do produto. (QUADRO 4).

Critérios — A despeito do que já foi dito sobre as limitações do preço mínimo sobre a oferta de feijão, o fato é que, no conjunto das medidas que visem obter a normalização no abastecimento deste importantíssimo produto, situa-se o estabelecimento, na presente conjuntura, de preços mínimos em bases estimulantes.



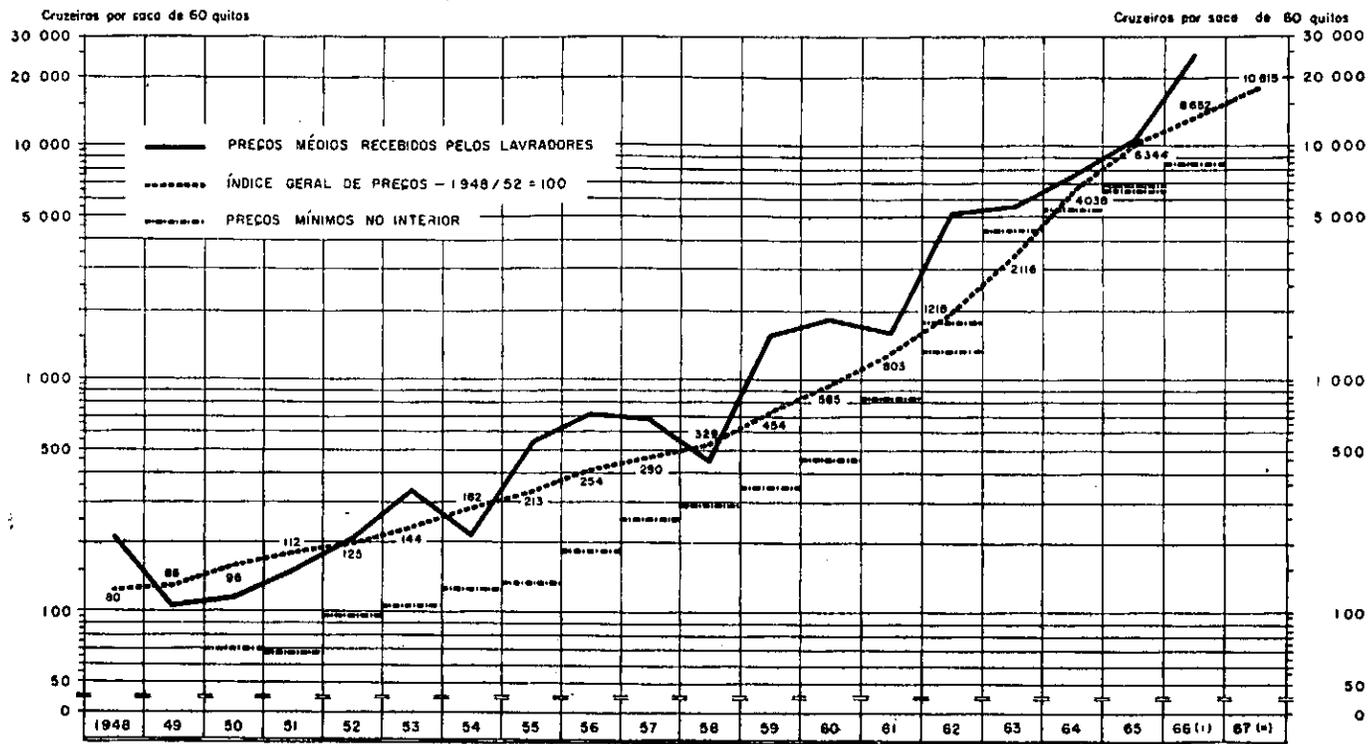
Evolução dos preços do AMENDOIM EM CASCA no Estado de São Paulo

QUADRO 3. — Amendoim em São Paulo

Médias quinqüênios e anos	Área plantada 1.000 ha	Produção 1.000 sacos 25 kg em casca	Rendimento agrícola kg/ha	Preços médios recebidos pelos lavradores		índice geral de preços no Brasil (1)
				preços correntes Cr\$/25 kg	índices	
Médias						
1948/52	152	6 352	1 059	57	100	100
1953/57	152	6 724	1 096	127	223	217
1958/62	338	16 598	1 265	395	697	678
Anos						
1960	295	14 500	1 229	436	768	585
1961	428	18 600	1 086	519	914	803
1962	479	21 000	1 137	646	1 137	1 218
1963	382	19 200	1 187	1 055	1 857	2 116
1964	409	15 300	935	3 734	6 550	4 043
1965	414	24 000	1 449	4 160	7 298	6 344
1966 (2)	482	26 700	1 385	5 870	10 298	8 652

FONTE: Divisão de Economia Rural.

- (1) Baseado no índice "2" de "Conjuntura Econômica"
- (2) Estimativa.



Escala semi-logarítmica

FONTE: Direção de Economia Rural - Secretaria de Agricultura

(1) PRELIMINAR

(2) ESTIMATIVA

Evolução dos preços do FEIJÃO no Estado de São Paulo

QUADRO 4. — Feijão em São Paulo

Médias quinqüênios e anos	Área plantada 1.000 ha	Produção 1.000 sacos de 60 kg	Rendimento agrícola kg/ha	Preços médios recebidos pelos lavradores		Índice geral de preços no Brasil (1)
				preços correntes Cr\$/60 kg	índices	
Médias						
1948/52	209	2 275	651	159	100	100
1953/57	275	2 031	448	493	310	217
1958/62	357	2 392	403	2 111	1 328	678
Anos						
1960	448	3 260	437	1 340	1 157	585
1961	356	2 320	391	1 510	950	803
1962	358	1 940	325	5 190	3 264	1 218
1963	387	2 680	411	5 620	3 535	2 116
1964	386	2 470	384	7 250	4 559	4 043
1965	335	3 150	564	10 370	6 522	6 344
1966 (2)	322	2 608	486	24 980	15 711	8 652

FONTE: Divisão de Economia Rural.

(1) Baseado no índice "2" da Fundação Getúlio Vargas.

(2) Estimativa.

Para tal fim, parece óbvio que os mesmos não poderão ficar muito aquém dos preços de mercado embora ou precisamente porque estes estejam em grandes alturas.

A vista do que vem de ser dito e ainda considerando, que o preço do feijão no interior do Estado deveria girar em torno de Cr\$ 17.000 para igualar em termos reais o preço médio obtido no quinquênio 1948/52, propomos a base de Cr\$ 20.000 para o sacco de 60 quilos, tipo "3", variedades de côres, posto no interior de São Paulo. Esta base é ainda menor em cerca de 25% ao atual preço de mercado, porém no que tange a outros aspectos, como os já citados e também do aumento em relação aos preços de garantia da presente safra, pode ela ser considerada estimulante e portanto satisfazendo à finalidade proposta.

6.5 — MILHO

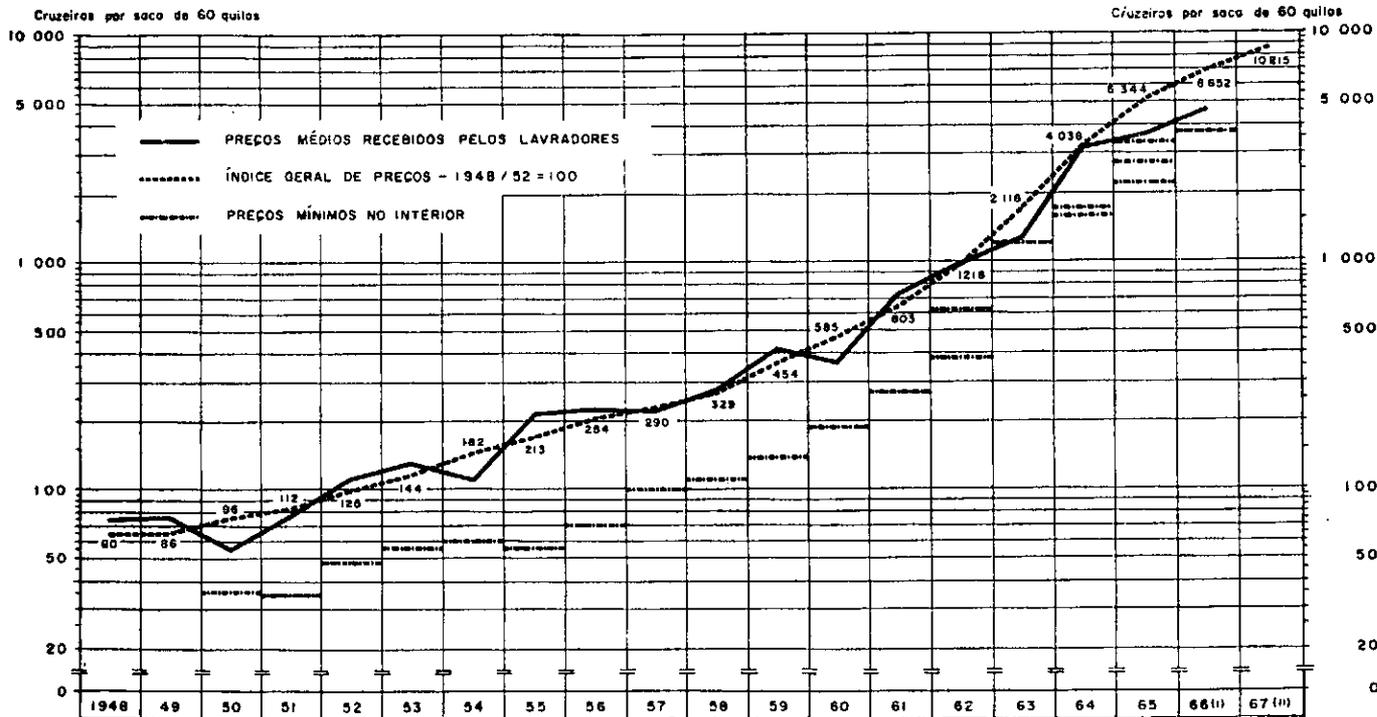
Em termos reais, o preço médio recebido pelos lavradores por este cereal na presente safra, baixou em relação à temporada precedente (1964/65) e esta é uma das razões porque prevê-se uma contração na superfície do próximo plantio. De resto e ainda em termos de preços reais, o preço médio desta safra, é cerca de 30% inferior ao de 3 anos atrás, quando praticamente foram atingidos os níveis do quinquênio 1948/52 e teve início um forte aumento na produção. Com este estímulo e

graças aos aumentos constantes nos rendimentos unitários, o milho superou a meta considerada boa para São Paulo, pois atingiu o volume estipulado de 40 milhões de sacas (2.400 mil toneladas) com uma superfície de plantio inferior aos 1.465.000 hectares, tidos como necessários àquela produção e calculados com base na tendência da produtividade física.

No entanto, a queda de preços já assinalada, as dificuldades encontradas na comercialização durante os dois últimos anos e as perspectivas gerais que cercam a agricultura, permitem admitir-se uma redução no próximo plantio, do qual é um indício, as atuais dificuldades encontradas para a venda das sementes híbridas. (QUADRO 5).

Esta contração no plantio, de cuja grandeza não se tem idéia, mas que talvez não seja muito acentuada, será sempre bastante grave. Isto não só porque a área ocupada por este cereal é considerável como sobretudo pela extraordinária importância que ocupa o milho na estrutura da nossa economia agrícola.

Já foi dito e aqui se repete, que o milho exerce na estrutura agrícola papel semelhante ao do aço na indústria e uma escassez do mesmo poderá trazer conseqüências mais sérias que, por exemplo, a falta de feijão, em que pese a importância deste. Também não é demais repetir que é de



Escala semi-logarítmica
 FONTE: Divisão de Economia Rural - Secretaria da Agricultura

(1) PRELIMINAR
 (11) ESTIMATIVA

Evolução dos preços do MILHO no Estado de São Paulo

QUADRO 5. — Milho em São Paulo

Médias quinqüênios e anos	Area plantada 1.000 ha	Produção 1.000 sacos de 60 kg	Rendimento agrícola kg/ha	Preços médios recebidos pelos lavradores		Índice geral de preços no Brasil (1)
				preços correntes Cr\$/60 kg	índices	
Médias						
1948/52	804	18 047	1 353	80	100	100
1953/57	1 084	19 665	1 095	131	227	317
1958/62	1 189	28 100	1 413	552	690	678
Anos						
1960	1 324	29 000	1 314	361	452	585
1961	1 186	29 400	1 487	720	902	803
1962	1 331	36 900	1 663	996	1 240	1 218
1963	1 573	44 800	1 709	1 280	1 610	2 116
1964	1 263	23 600	1 120	3 150	3 937	4 043
1965	1 396	41 000	1 762	3 650	4 562	6 344
1966 (2)	1 367	41 500	1 821	4 650	5 812	8 652

FONTE: Divisão de Economia Rural.

(1) Baseado no índice "2" de "Conjuntura Econômica" da Fundação Getúlio Vargas.

(2) Estimativa.

todo injustificável vincular o preço mínimo deste produto ao seu preço de exportação. Isto, entre outras pelas seguintes razões:

a) — O milho não é produto obtido para exportar-se “in natura”. Certo que se deva exportar os excedentes, porém em princípio ao menos, o milho deve ser exportado através de produtos transformados como: carne, manteiga, ovos ou industrializados: óleo, glicose, etc.

b) — Somos exportadores esporádicos de milho, o qual, em sua grande parte é consumido na fonte de produção, nas próprias fazendas.

c) — Não estamos organizados como exportadores de milho, não possuindo meios para o transporte a granel desde o interior, para a secagem, classificação, carregamento de navios e todas as demais operações, de forma econômica é que permita auferir grandes resultados com a venda ao exterior. Dessa forma, a decomposição do preço, a partir duma base F.o.b. irá resultar sempre num preço ridiculamente baixo para o produtor.

Crerios — O preço mínimo do milho deve em princípio estar preso às condições econômicas internas de nossa agricultura e à necessidade que nosso País tem, de aumentar substancialmente a seu consumo, para o qual um dos fatores contribuintes será

um suprimento mais abundante e mais estável, procurando evitar por todas as formas o “movimento de gangorra” ao qual se aludiu mais atrás.

Neste sentido, a base de Cr\$ 6.000, resultante do acréscimo de 25% sobre o preço sugerido para a safra passada, deverá atender os objetivos acima expostos. Tal preço refere-se à saca de 60 quilos, da classe “mole ou mista”, tipo “3”, posta no interior do Estado.

6.6 — MAMONA

Mais uma vez consigna-se aqui o ponto de vista favorável à extensão da garantia de preços a este produto. Abstendos de repetir as várias razões que o justificam, lembramos que neste ano tal garantia talvez seja ainda mais vantajosa, pois trata-se duma cultura eminentemente comercial (cash crop) que auxilia diretamente as finanças dos pequenos produtores que constituem a grande maioria daqueles que se dedicam a esta exploração agrícola.

6.7 — MANDIOCA E SUB-PRODUTOS

Com uma produção praticamente igual à de 1964/65, a farinha e os demais subprodutos da mandioca, mantem-se a preços relativamente estáveis. Dada a importância considerável da farinha de man-

dioca no abastecimento alimentar do País, cumpre assegurar a êsse sub-produto, bem como, à tapioca e ao amido ou fécula de mandioca, preços que contribuam nêste setor, a manter um suprimento adequado da matéria prima. O reajuste das bases propostas no ano passado e com as taxas de incremento já citadas, indi-

caria um preço, próximo de Cr\$ 4.200 no interior do Estado para a farinha de mandioca do tipo "1" em sacos de 50 quilos. Esta base parece satisfazer as finalidades já expostas, devendo-se para os demais subprodutos mencionados, guardar-se a relação de preços de garantia já observados em anos passados.

CUSTOS AGRÍCOLAS EM SÃO PAULO - SAFRAS 1964/65 E 1965/66 -

ALGODÃO, AMENDOIM, ARROZ, CAFÉ, CANA DE
AÇÚCAR, FEIJÃO, MAMONA, MANDIOCA, MILHO,
SOJA, TRIGO.

Secção de Análise de Custos e
Rendas Agrícolas (*)

Como temos feito sempre, estamos apresentando estimativas das **despesas diretas** nas principais culturas do Estado.

Estes estudos são calcados em **modelos** que estão ao alcance da maioria dos agricultores paulistas, apesar de tecnicamente mais evoluídos que a média pelo nível da adubação e pelos cuidados dispensados no combate e prevenção de pragas e doenças.

Na maioria das culturas apresentamos processo que utiliza somente a tração animal, pois nos parece que esta tração ainda é a mais difundida na agricultura do Estado de São Paulo, mesmo para o preparo do solo — se não em área,

ao menos em número de agricultores.

Porém, em duas culturas — do algodão e da cana de açúcar — apresentamos **modelos** em que o preparo do solo é realizado por tração mecânica e as demais operações mecanizadas utilizam-se da tração animal. A cultura da cana de açúcar já apresenta uma apreciável motomecanização no preparo do solo, talvez devido à dificuldade da aração em terrenos com soqueira de cana, e a do algodão também apresenta bom índice de motomecanização nesta fase da cultura. Estes dois modelos, assim apresentados, possibilitam também informações sobre índices físicos de rendi-

(*) Engenheiros-agrônomo: Antônio Augusto Boteiho Junqueira, Caio Takagaki Yamaguishi e Cyro Okamoto.

mento de tratores médios na aração e na gradagem do solo.

A cultura do trigo, localizada especificamente no sul do Estado, é representada por um modelo totalmente mecanizado por se tratar de cultura tipicamente motomecanizada naquela região do Estado.

Ampliando as informações, no presente trabalho apresentamos em anexo a metodologia utilizada no cálculo dos custos de operação dos fatores de produção.

O custo da mão de obra — o salário pago ao trabalhador — é calculado segundo a média do salário mínimo vigente de agosto de um ano, a maio de outro ano (anexo I).

O custo de operação de máquinas, implementos e veículos é calculado segundo o preço de reposição em agosto, setembro

e outubro do ano de plantio. Considera-se a metade deste preço (anexos II e III).

O cálculo do custo de operação dos animais de trabalho é feito baseado no preço do burro novo, manso, em agosto, setembro e outubro do ano de plantio, e considerando-se de 15 anos o período útil de trabalho do mesmo (anexo IV).

Nos quadros 1 a 13 apresentamos as estimativas das despesas diretas para a safra 1965/66, nas principais culturas do Estado, inclusive índices físicos de emprego de fatores e consumo de materiais empregados na cultura.

O quadro 14 apresenta a estimativa das despesas diretas na safra 1964/65, calculada segundo os dados dos quadros anteriores e dos anexos correspondentes a esta safra.

QUADRO 1. — CULTURA DO ALGODÃO — Estimativa das Despesas Diretas (1) — Tração moto-mecanizada e animal
Produção de 250 arrôbas por alqueire — 1 alqueire (2,42 ha) — Safra 1965/66

ITENS						Cultiv.	Semead.			TOTAL
	Homens	Trator	Animais	Arado	Grade	Planet	Adubad.	Carreta	Polvil.	
A — OPERAÇÕES										
										(Dias de serviço)
Aração	2,0	2,0	—	2	—	—	—	—	—	—
Gradeação	0,5	0,5	—	—	0,5	—	—	—	—	—
Transp. semente adubo	1,0	0,5	—	—	—	—	—	0,5	—	—
Plantio e Adubação	6,0	—	6	—	—	—	6	—	—	—
Desbaste	5,0	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Replanta	0,5	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Capinas mec. (4 vezes)	10,0	—	10	—	—	10	—	—	—	—
Capinas manuais (4 vezes) ..	20,0	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Comb. pragas (6 a 8 vezes) ..	30,0	—	—	—	—	—	—	—	—	30
Secagem ensacamento	2,0	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Transp. interno	0,5	0,5	—	—	—	—	—	0,5	—	—
Arranc./queima soqueira	7,5	0,5	—	0,5	—	—	—	—	—	—
TOTAL DE DIAS (2)	85,0	4,0	16	2,5	0,5	10	6	1,0	30	
CUSTO DIÁRIO (Cr\$)	2 535	27 000	477	3 000	4 124	120	1 036	9 000	867	
DESP. OPER. EXC. COL. (Cr\$)	215 475	108 000	7 632	7 500	2 062	1 200	6 216	9 000	26 010	383.095
COLHEITA (3) (Cr\$)										325 000
DESPESA DE OPERAÇÃO (Cr\$)										708.095
B — MATERIAL CONSUMIDO										
		Quantidade	Preço (Cr\$)	Valor (Cr\$)						
Adubos (4):										
Sulfato amônio		350 kg	209	73 150						
Superfosfato simples		600 kg	117	70 200						
Cloreto de potássio		120 kg	214	25 680						
Semente:										
Preta tratada com sistêmico		4 sacos	15 000	60 000						
Combate às Pragas:										
Inseticidas em pó		280 kg	610	110 500						
Formicida Shell		6 l	—	33 500						
DESPESA MATERIAL CONSUMIDO (Cr\$)										373 030
TOTAL DESPESA DIRETA POR ALQUEIRA (A+B) (Cr\$)										1 081 125

- (1) Exceto para máquinas e animais, que têm a amortização também considerada.
(2) Exceto colheita, computada à parte.
(3) Por empreitada a Cr\$ 1 300 por arrôba.
(4) No preço estão incluídos o frete e o carroto, de Cr\$ 15 por quilo.

QUADRO 2 — CULTURA DO AMENDOIM — Estimativa das Despesas Diretas (1) — Tração animal
Produção de 250 sacas de 25 kg por alqueire — 1 alqueire (2,42 ha) — Safra 1965/66

I T E N S	Homens	Animais	Arado	Grade	Cultiva- dor	Semead. Adubad.	Polvilha- deira	Carroça c/arrelo	TOTAL.
A — OPERAÇÕES	(Dias de serviço)								
Aração (2 vezes)	13	26	13	—	—	—	—	—	
Gradeação	3	6	—	3	—	—	—	—	
Plantio e adubação	6	5	—	—	—	5	—	—	
Adubação e cobertura	2	—	—	—	—	—	—	—	
Capinas mecânicas	9	9	—	—	9	—	—	—	
Capinas manuais (3 vezes)	18	—	—	—	—	—	—	—	
Aplic. inseticidas (3 vezes)	6	—	—	—	—	—	6	—	
Sulcamento colheita	4	8	4	—	—	—	—	—	
Transporte interno	3	12	—	—	—	—	—	3	
TOTAL DE DIAS (2)	64	66	17	3	9	5	6	3	
CUSTO DIÁRIO (Cr\$)	2 535	477	315	150	120	1 036	867	307	
DESPESA (2) (Cr\$)	162 240	31 482	5 355	450	1 080	5 180	5 202	921	211 910
COLHEITA (3) (Cr\$)									177 500
DESPESA DE OPERAÇÃO (Cr\$)									389 410
B — MATERIAL CONSUMIDO	Quantidade	Preço (Cr\$)	Valor (Cr\$)						
Sementes	300 kg	295							
Inseticidas (4)	—	—							
Adubos: (6)									
Superfosfato simples	800 kg	117	93 600						
Cloreto de potássio	150 kg	214	32 100						
Sulfato de amônio (5)	360 kg	209	75 240	200 940					
DESPESAS COM MATERIAL CONSUMIDO (Cr\$)									359 440
TOTAL DAS DESPESAS DIRETAS (A+B) (Cr\$)									748 850

(1) Exceto para máquinas, veículos e animais, onde estão incluídas despesas de depreciação.

(2) Exceto colheita.

(3) For empreitada à Cr\$ 710 a saca.

(4) 100 kg de Aldrin a 2,5% no sulco, em mistura com o adubo, mais 3 tratamentos diversos, em polvilhamento ou pulverização (Aldrin, Dieldrin, Toxafeno, DDT/Paration, Metasistox, etc.).

(5) Em cobertura 30 dias após a germinação.

(6) Ao seu preço estão adicionados frete e carroto.

QUADRO 3 — CULTURA DO ARROZ (não irrigado) — Estimativa das Despesas Diretas (1) — Tração animal
 Produção de 75 sacas em casca por alqueire — 1 alqueire (2,42 ha) — Safra 1965/66

ITENS	Homens	Animais	Arado	Grade	Cultivador	Semead. Adubad.	Carroça c/arrelo	TOTAL
A — OPERAÇÕES								
			(Dias de serviço)					
Aração (2 vezes)	13	26	13	—	—	—	—	
Gradeação (2 vezes)	5	5	—	5	—	—	—	
Plantio e adubação	9	13	—	—	—	9	1	
Tratos culturais	52	12	—	—	12	—	—	
Colheita e batadura	50	8	—	—	—	—	2	
TOTAL DE DIAS	129	64	13	5	12	9	3	
CUSTO DIÁRIO (Cr\$)	2 535	477	315	150	120	1 036	307	
DESPESAS OPERAÇÕES	327 015	30 528	4 095	750	1 440	9 324	921	374 073
B — MATERIAL CONSUMIDO		Quantidade	Preço (Cr\$)		Valor (Cr\$)			
Sementes		80 kg	240			19 200		
Aubos:								
Superfosfato simples		500 kg	117		58 500			
Sulfato de amônio ou nitrocálcio		240 kg	209		50 160			
Cloreto de potássio		120 kg	214		25 680	134 340		
Aldrin a 5%		3 kg	700			2 100		
Sacaria e barbante		75	680			51 000		
DESPESAS COM MATERIAL CONSUMIDO (Cr\$)								187 440
TOTAL DAS DESPESAS (A+B) (Cr\$)								561 513

(1) Exceto para máquinas e animais onde também estão incluídas despesas de depreciação.

QUADRO 4 — CULTURA DO CAFÉ — Estimativa das Despesas Diretas (1) — Processo manual
 Produção de 100 arrôbas por 1 000 covas — 1 000 covas — Safra 1965/66

ITENS	Homens	Animals	Carroça c/arrelo	TOTAL
A — OPERAÇÕES		(Dias de serviço)		
Carpas, arruação e esparramação	50	—	—	
Tratos culturais	16	24	6	
Colheita	42	—	—	
Transporte café na roça	4	16	4	
Secar e recolher café	10	—	—	
TOTAL DE DIAS	122	40	10	
CUSTO DIÁRIO (Cr\$)	2 535	477	307	
DESPESAS DE OPERAÇÃO (Cr\$)	309 270	19 080	3 070	331 440
B — MATERIAL CONSUMIDO	Quantidade	Preço (Cr\$)	Valor (Cr\$)	
Azubos:				
Sulfato de amônio	800 kg	209	167 200	
Superfosfato simples	400 kg	117	46 800	
Cloreto de potássio	240 kg	214	51 360	265 360
Mudas p/replanta	80 unid.	35	—	2 800
DESPESAS COM MATERIAL CONSUMIDO (Cr\$)				268 160
TOTAL DAS DESPESAS POR 1 000 COVAS (A+B) (Cr\$)				599 600

(1) Exceto para veículos e animais, em que a amortização também está incluída.

QUADRO 5 — CULTURA DA CANA DE AÇÚCAR — Estimativa das Despesas Diretas (1) — LAVOURA NOVA
 Produção de 250 toneladas por alqueire — 1 alqueire (2,42 ha) — Safra 1965/66

ITENS	Homens	Trator	Arado Trator	Grade Trator	Sulcador Trator	Animais	Aduba- deira	Cultivad. tipo Planet	TOTAL
A — OPERAÇÕES:									
	(Dias de serviço)								
Aração (2 vezes)	2	2	2	—	—	—	—	—	
Gradeação	0,5	0,5	—	0,5	—	—	—	—	
Sulcação	1	1	—	—	1	—	—	—	
Adubação	1	—	—	—	—	2	1	—	
Plant. Selec. Distr.	10	—	—	—	—	—	—	—	
Cobertura	1,5	—	—	—	—	3	—	1,5	
Adubação e cobertura	1	—	—	—	—	2	1	—	
Capinas mecânicas	4	—	—	—	—	8	—	4	
Capinas manuais	30	—	—	—	—	—	—	—	
TOTAL DE DIAS (2)	51	3,5	2	0,5	1	15	2	5,5	
CUSTO DIÁRIO (Cr\$)	2 535	27 000	3 800	5 686	6 900	477	1 036	120	
DESPESAS (3) Cr\$	129 285	94 500	7 600	2 843	6 900	7 155	2 072	660	251 015
CORTE (4) (Cr\$)									275 000
TRANSPORTE (4)									300 000
DESPESAS DE OPERAÇÃO (Cr\$)									826 015
B — MATERIAL CONSUMIDO									
	Quantidade		Preço (Cr\$)			Valor (Cr\$)			
Adubos	1 500 kg		140			210 000			
Mudas	15 t		15 000			225 000			
Despesa com material consumido (Cr\$)						435 000			
TOTAL DAS DESPESAS (A+B) (Cr\$)						1 261 015			

Observação: — Quadro organizado com a colaboração do Eng.º Agr.º Ary Machado de Brito da D.A.T.E.

(1) Exceto para máquinas e animais onde estão incluídas as despesas de depreciação.

(2) Lavoura nova compreende dois ciclos: cana nova no ano em que foi plantada, e cana em formação, do fim do ano em que foi plantada até o primeiro corte.

(3) Exceto corte e transporte.

(4) Por empreitada a Cr\$ 1 100 por tonelada.

(5) Por empreitada a Cr\$ 1 200 por tonelada. Os preços são fixados para o produto na Usina. Considerou-se uma distância de 10 km.

QUADRO 6 — CULTURA DA CANA DE AÇÚCAR — Estimativa das Despesas Diretas (1) — LAVOURA DE 2.º CORTE (SOCA) — Produção de 175 toneladas por alqueire — 1 alqueire (2,42 ha) — Safra 1965/66

I T E N S	Homens	Animais	Arado	Adubadeira	Cultivador tipo Planet	Total
						(Dias de serviço)
A — OPERAÇÕES						
Enleiramento da palhada	4	—	—	—	—	
Adubação	5	10	4	1	—	
Carpas mecânicas	2	4	—	—	2	
Carpas manuais	15	—	—	—	—	
TOTAL DE DIAS (2)	26	14	4	1	2	
CUSTO DIÁRIO (Cr\$)	2 535	477	315	1 036	120	
DESPESAS (2) (Cr\$)	65 910	6 678	1 260	1 036	240	75 124
CORTE (3) (Cr\$)						192 500
TRANSPORTE (4) (Cr\$)						210 000
DESPESAS DE OPERAÇÃO (Cr\$)						477 624
B — MATERIAL CONSUMIDO	Quantidade		Preço (Cr\$)		Valor (Cr\$)	
Adubos	1 000 kg		140		140 000	
DESPESAS COM MATERIAL CONSUMIDO (Cr\$)						140 000
DESPESAS DAS OPERAÇÕES (A+B) (Cr\$)						617 624

Observ.: — Quadro organizado com a colaboração do Eng.º Agr.º Ary Machado de Brito da D.A.T.E.

(1) Exceto para máquinas e animais onde também estão incluídas despesas de depreciação.

(2) Exceto corte e transporte.

(3) Por empreitada a Cr\$ 1 100 a tonelada.

(4) Por empreitada a Cr\$ 1 200 a tonelada. Os preços são fixados para o produto posto na Usina. Considerou-se uma distância de 10 km.

QUADRO 7 — CULTURA DA CANA DE AÇÚCAR — Estimativa das Despesas Diretas (1) — LAVOURA DE 3.º CORTE (RESSOCA) — Produção de 130 toneladas por alqueire — 1 alqueire (2,42 ha) — Safra 1965/66

I T E N S	Homens	Animais	Cultivador tipo Planet	TOTAL
A — OPERAÇÕES				
	(Dias de serviço)			
Enleiramento	4	—	—	
Carpas mecânicas	2	4	2	
Carpas manuais	15	—	—	
TOTAL DE DIAS (2) .	21	4	2	
CUSTO DIÁRIO (Cr\$) .	2 535	477	120	
DESPESA (2) (Cr\$) ..	53 235	1 908	240	55 383
CORTE (3) (Cr\$)				143 000
TRANSPORTE (4) (Cr\$)				156 000
DESPESAS DE OPERAÇÃO (5) (Cr\$)				354 383

Observ.: — Quadro organizado com a colaboração do Eng.º Agr.º Ary Machado de Brito da D.A.T.E.

(1) Exceto para máquinas e animais onde também estão incluídas despesas de depreciação.

(2) Exceto corte e transporte.

(3) Por empreitada a Cr\$ 1 100 a tonelada.

(4) Por empreitada a Cr\$ 1 200 a tonelada. Os preços são fixados para o produto posto na Usina. Considerou-se uma distância de 10 Kms.

QUADRO 8 — CULTURA DO FEIJÃO — Estimativa das Despesas Diretas (1) — Tração animal
Produção de 40 sacas de 60 kg por alqueire — 1 alqueire (2,42 ha) — Safra 1965/66

ITENS	Homens	Animais	Arado	Grade	Cultivador	Semead. Adubad.	Carroça c/arreio	TOTAL
A — OPERAÇÕES								
	(Dias de serviço)							
Aração	7	14	7	—	—	—	—	
Gradeação	3	6	—	3	—	—	—	
Plantio e adubação	6	6	—	—	—	6	—	
Tratos culturais	27	12	—	—	12	—	—	
Colheita e beneficio	26	—	—	—	—	—	—	
Transporte interno	3	12	—	—	—	—	3	
TOTAL DE DIAS	72	50	7	3	12	6	3	
CUSTO DIÁRIO (Cr\$)	2 535	477	315	150	120	1 036	307	
DESPESAS OPERAÇÃO	182 520	23 850	2 205	450	1 440	6 216	921	217 602
B — MATERIAL CONSUMIDO								
		Quantidade	Preço (Cr\$)	Valor (Cr\$)				
Adubos:								
Superfosfato simples		550 kg	117	64 350				
Sulfato de amônio		150 kg	209	31 350				
Cloreto de potássio		100 kg	214	21 400		117 100		
Sementes		154 kg	270			41 580		
DESPESAS COM MATERIAL CONSUMIDO (Cr\$)								158 680
TOTAL DAS DESPESAS DIRETAS (A+B) (Cr\$)								376 282

(1) Exceto para máquinas e animais onde também estão incluídas despesas de depreciação.

QUADRO 9 — CULTURA DA MAMONA — Estimativa das Despesas Diretas (1) — Plantio manual — Cultivo animal
 Produção de 4000 kg por alqueire — 1 alqueire (2,42 ha) — Safra 1965/66

ITENS	Homens	Animais	Arado	Grade	Cultivador	Carroça c/arrelo	TOTAL
A — OPERAÇÕES							
	(Dias de serviço)						
Aração	7	14	7	—	—	—	
Gradeação	4	8	—	4	—	—	
Plantio e adubação (em covas)	4	—	—	—	—	—	
Tratos culturais	28	9	—	—	9	—	
Colheita	30	—	—	—	—	—	
Secagem e benefício	5	—	—	—	—	—	
Transporte interno	3	12	—	—	—	3	
TOTAL DE DIAS	81	43	7	4	9	3	
CUSTO DIÁRIO (Cr\$)	2 535	477	315	150	120	307	
DESPESAS OPERAÇÕES (Cr\$) ..	205 335	20 511	2 205	600	1 080	921	230 652
B — MATERIAL CONSUMIDO							
	Quantidade		Preço (Cr\$)		Valor (Cr\$)		
Adubos (2)	800 kg		210		168 000		
Sementes	25 kg		215		5 375		
DESPESAS COM MATERIAL CONSUMIDO (Cr\$)							173 375
TOTAL DAS DESPESAS (A+B) (Cr\$)							404 027

(1) Exceto para máquinas e animais onde também estão incluídas despesas de depreciação.
 (2) Da fórmula 4-18-8.

QUADRO 10. — CULTURA DA MANDIOCA — Estimativa das Despesas Diretas — Tração animal —
Produção de 50 toneladas de raízes por alqueire — 1 alqueire (2,42 ha) — Safra 1965/66

I T E N S	Homens	Animais	Arado	Grade	Riscador	Culti- vador	Adubação	Carroça c/arrelo	Polvilha- deira	TOTAL
A — OPERAÇÕES										
Aração	7	14	7	—	—	—	—	—	—	—
Gradeação	4	8	—	4	—	—	—	—	—	—
Riscador	2	4	—	—	2	—	—	—	—	—
Adubação	1	2	—	—	—	—	1	—	—	—
Plantio	7	4	—	—	—	2	—	—	—	—
Carpas manuais (2 vezes)	60	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Combate às pragas	10	—	—	—	—	—	—	—	—	10
Transporte interno	1	4	—	—	—	—	—	1	—	—
Total de Dias	92	36	7	4	2	2	1	1	10	
CUSTO DIÁRIO (Cr\$) ..	2 535	477	315	150	120	120	1 036	307	867	
DESPESES. Exc. colh. (Cr\$)	233 220	17 172	2 205	600	240	240	1 036	307	8 670	263 690
Colheita (2)										125 000
Entrega (3)										150 000
DESPESA DE OPERAÇÃO (Cr\$)										538 690
B — MATERIAL CONSUMIDO										
			Quantidade		Preço (Cr\$)		Valor (Cr\$)			
Manivas			12m3		1 400		16 800			
Adubos: (4)										
Superfosfato simples			800 kg		117		93 600			
Cloreto de potássio			150 kg		214		32 100			
Sulfato de amônio			300 kg		209		62 700		188 400	
Inseticida BHC a 3% (5)			60 kg		400		24 000			
DESPESSAS COM MATERIAL CONSUMIDO (Cr\$)										290 200
TOTAL DAS DESPESAS (A+B) (Cr\$)										767 890

(1) Exceto para máquinas e animais onde estão incluídas as despesas de depreciação.

(2) Por empreitada a Cr\$ 2,50 por quillo.

(3) A Cr\$ 3 por quillo, considerando-se uma distância de 10 km.

(4 e 5) Ao preço estão adicionados frete e carroto.

QUADRO 11 — CULTURA DO MILHO — Estimativa das Despesas Diretas (1) — Tração animal
Produção de 100 sacas de 60 kg. por alqueire — 1 alqueire (2,42 ha) — Safra 1965/66

ITENS	Homens	Animais	Arado	Grade	Cultiva- dor	Semead. Adubad.	Carroça c/arrelo	TOTAL
A — OPERAÇÕES								
	(Dias de serviço)							
Aração (2 vezes)	13	26	13	—	—	—	—	
Gradação	3	6	—	3	—	—	—	
Plantio e adubação	5	5	—	—	—	5	—	
Adubação em cobertura	2	—	—	—	—	—	—	
Carpas mecânicas	9	9	—	—	9	—	—	
Carpas manuais (2)	18	—	—	—	—	—	—	
Colheita e benefício (3)	30	—	—	—	—	—	—	
Transporte interno	3	12	—	—	—	—	3	
TOTAL DE DIAS	83	58	13	3	9	5	3	
CUSTO DIÁRIO (Cr\$)	2 535	477	315	150	120	1 036	307	
DESPESAS OPERAÇÕES (Cr\$) ..	210 405	27 666	4 095	450	1 080	5 180	921	249 797
B — MATERIAL CONSUMIDO								
	Quantidade		Preço (Cr\$)		Valor (Cr\$)			
Sementes	45 kg		200		9 000			
Adubos:								
Superfosfato simples	600 kg		117		70 200			
Fosforita	200 kg		92		18 400			
Sulfato de amônio (4)	450 kg		209		96 140			
Cloreto de potássio	80 kg		214		17 120		201 860	
TOTAL DAS DESPESAS COM MATERIAL CONSUMIDO (Cr\$)								210 860
TOTAL DAS DESPESAS (A+B) (Cr\$)								460 657

(1) Exceto para máquinas, veículos e animais, onde também estão incluídas despesas de depreciação.

(2) Inclui desbaste.

(3) Considerou-se 20 dias para colheita e 10 para benefício.

(4) 400 kg aplicados em cobertura 40 dias após a germinação.

QUADRO 12. — CULTURA DA SOJA — Estimativa das Despesas Diretas — Tração animal
Produção de 100 sacas de 60 kg por alqueire — 1 alqueire (2,42 ha) — Safra 1965/66

I T E N S	(Dias de serviço)									TOTAL
	Homens	Animais	Arado	Grade	Cultiva- dor	Semead. Adubad.	Polvilha- deira	Carroça c/arreio		
A — OPERAÇÕES:										
Aração (2 vezes)	13	26	13	—	—	—	—	—	—	
Gradeação (3 vezes)	9	18	—	9	—	—	—	—	—	
Plantio e adubação	5	5	—	—	—	5	—	—	—	
Carpas mecânicas (3 vezes)	9	9	—	—	9	—	—	—	—	
Carpas manuais (2 vezes)..	10	—	—	—	—	—	—	—	—	
Polvilhamento	6	—	—	—	—	—	6	—	—	
Colheita beneficiamento e transporte interno	26	9	—	—	—	—	—	—	3	
TOTAL DE DIAS	78	67	13	9	9	5	6	—	3	
CUSTO DIÁRIO (Cr\$)	2 535	477	315	150	120	1 036	867	307	—	
DESP. DE OPERAÇ. (Cr\$)	197 730	31 959	4 095	1 350	1 080	5 180	5 202	921	—	247 517
B — MATERIAL CONSUMIDO										
Sementes			Quantidade	Preço (Cr\$)		Valor (Cr\$)				
Adubos:			150 kg	200		30 000				
Superfosfato simples			500 kg	117		58 500				
Calcário			2 000 kg	18		36 000				
Inseticidas (2)			135 kg	295		39 825		134 325		
Inoculantes			3 pacotes	140		420				
DESPESAS COM MATERIAL CONSUMIDO (Cr\$)										164 745
TOTAL DAS DESPESAS (A+B) (Cr\$)										412 262

(1) Exceto para máquinas, veículos e animais, onde estão incluídas as despesas de depreciação.

(2) 3 vezes em polvilhamento: Toxafeno a 20%, Aldrin a 2%, ou outros similares.

QUADRO 13. — CULTURA DO TRIGO — Estimativa das despesas Diretas (1) — Cultura motomecanizada —
 Produção de 38 sacas por alqueire — 1 alqueire (2,42 ha) — Safra 1965/66
 de 60 kg

ITENS	Homens	Trator	Arado	Grade	Semead.			TOTAL
					Adubad.	Carreta	Combinada	
A — OPERAÇÕES:								
(Dias de serviço)								
1 — Preparo do terreno:								
Aração	1,83	1,83	1,83	—	—	—	—	
Gradeação	1,22	1,22	—	1,22	—	—	—	
Calagem	0,62	0,35	—	—	0,35	—	—	
2 — Plantio e adubação:								
Plantio e adubação	0,66	0,38	—	—	0,38	—	—	
Adubação em cobertura	1,00	0,50	—	—	0,50	—	—	
3 — Combate às pragas:								
Combate às pagras	0,75	—	—	—	—	—	—	
Combate à nabiça	4,50	—	—	—	—	—	—	
4 — Colheita:								
Colheita	0,97	—	—	—	—	—	0,49	
5 — Secagem e transporte interno.								
SECAGEM	2,00	—	—	—	—	—	—	
TRANSPORTE INTERNO	0,33	0,12	—	—	—	—	0,12	
TOTAL DE DIAS	13,88	4,40	1,83	1,22	1,23	0,12	0,49	
CUSTO DIÁRIO (Cr\$)	2 535	27 000	3 800	5 686	9 000	9 000	57 000	
DESPESAS DE OPERAÇÃO	32 618	118 800	6 954	6 937	11 070	1 080	27 930	205 339
B — MATERIAL CONSUMIDO								
	Quantidade		Preço (Cr\$)			Valor (Cr\$)		
Sementes	5 sacas		10 400		52 000			
Adubos (2-20-4)	1 200 kg		150		180 000			
Calcáreo	1 000 kg		12		12 000	244 000		
Formicida	6 latas		1 800			10 800		
DESPESAS COM MATERIAL CONSUMIDO (Cr\$)								254 800
TOTAL DAS DESPESAS (A+B) (Cr\$)								460 189

(1) Exceto para máquinas, implementos e veículos, onde estão incluídas as despesas de depreciação.
 Nota: — Os dados físicos de consumo dos fatores de produção foram calçados no trabalho: "Situação da Tríticultura. Com especial Referência à Paulista", de Jorge Demétrio Issa, publicado em Agricultura em São Paulo no mês de junho de 1961. Como a adubação e a calagem do quadro estão previstas em nível bem acima da média utilizada na exploração tritícola de São Paulo, a produção também foi estimada acima da média do Estado.

QUADRO 14. — PRINCIPAIS CULTURAS DO ESTADO DE SÃO PAULO — Estimativa das Despesas Diretas (1)
 1 alqueire - (2,42 ha) — Safra 1964/65

ITENS	OPERAÇÕES				MATERIAL CONSUMIDO			Colheita	TOTAL
	Mão de Obra (Homem)	Trator médio	Animal de trabalho	Demais má- quinas, im- plementos e veículos	Sementes ou Mudas	Adubos e Corre- tivos	Defensivos (Inseticidas Fungicidas e Formici- das)		
	Cr\$	Cr\$	Cr\$	Cr\$	Cr\$	Cr\$	Cr\$		
Algodão	150 250	72 000	4 560	37 690	12 400	96 500	100 370	200 000	674 140
Amendoim	113 408	—	18 810	11 156	67 500	114 400	42 700	115 000	482 974
Arroz	228 588	—	18 240	9 870	16 000	64 505	1 260	37 500	375 963
Café (2)	216 184	—	11 400	1 900	1 600	151 200	—	(4)	382 284
Cana Açúcar Nova	90 372	63 000	4 275	12 994	120 000	97 500	—	350 000	738 741
Cana Açúcar Soca	46 072	—	3 990	1 460	—	65 000	—	252 000	368 522
Cana Açúcar Resoca	37 212	—	1 140	160	—	—	—	187 200	225 712
Feijão	127 584	—	14 250	6 786	24 640	64 900	—	(4)	238 160
Mamona	143 532	—	12 255	2 793	2 750	113 240	—	(4)	274 570
Mandioca	163 024	—	10 260	8 653	19 800	106 900	9 000	165 000	482 637
Milho	142 926	—	16 530	6 896	6 075	117 900	—	(4)	290 327
Soja	138 216	—	19 095	11 018	17 250	73 525	240 (5)	(4)	259 344
Trigo	245 595	79 200	—	39 769	30 000	130 000	6 252	(4)	309 816

(1) Calculados segundo os índices físicos dos Quadros 1 a 13 e os outros Custos de Operação dos Anexos I, II e IV.

(2) Para o Café na base de 1 000 covas.

(3) As Despesas de Operação da Colheita já incluídas nos dados anteriores. Cr\$ 37 500 referem-se às despesas c/barbante e sacaria.

(4) As Despesas com Colheita já incluídas nos dados anteriores.

(5) Refere-se a inoculantes para sementes.

A N E X O I

ESTIMATIVA DA DIÁRIA DO TRABALHADOR RURAL NA AGRICULTURA DO ESTADO DE SÃO PAULO (1) — Safras 1964/65 e 1965/66.

I T E N S	1964	1965	1966
1. — Decreto do salário mínimo			
1.1 — Número	53578	55803	57900
1.2 — Data	21/2/64	26/2/65	2/3/66
1.3 — Período em que vigorou	24/2/64 ^a 26/2/65	1/3/65 ^a 28/2/66	2/3/66 ^a _____
2. — Salário mínimo médio, mensal (2)			
	Cr\$ 41 000	Cr\$ 63 000	Cr\$ 79 750
3. — Salário médio anual (3)			
	Cr\$ 434 600	Cr\$ 667 800	Cr\$ 845 350
4. — Custo diário da mão de obra (4)			
	Cr\$ 1 525	Cr\$ 2 350	Cr\$ 2 966
5. — Custo diário da mão de obra na safra, 1964/65 (diárias) (De agosto de 1964 a maio de 1965) (5)			
	$= \frac{(\text{Cr\$ } 1\,525 \times 7) + (\text{Cr\$ } 2\,350 \times 3)}{10} =$		
	$= \frac{\text{Cr\$ } 10\,675 + \text{Cr\$ } 750}{10} =$		
	$= \frac{\text{Cr\$ } 17\,725}{10} = \text{Cr\$ } 1\,772$		
6. — Custo diário da mão-de obra na safra 1965/66 (diárias) (De agosto de 1965 a maio de 1966) (5)			
	$= \frac{(\text{Cr\$ } 2\,350 \times 7) + (\text{Cr\$ } 2\,966 \times 3)}{10} =$		
	$= \frac{\text{Cr\$ } 16\,450 + \text{Cr\$ } 8\,898}{10} =$		
	$= \frac{\text{Cr\$ } 25\,348}{10} = \text{Cr\$ } 2\,535$		

- (1): — Encargos de previdência social, salário família, fundo de indenização trabalhista, não são considerados no cálculo deste custo médio.
- (2): — Média aritmética dos salários mínimos vigentes nas sub-regiões do Estado.
- (3): — Doze salários mínimos médios descontados de vinte por cento mais um salário mínimo sem desconto.
- (4): — Salário médio anual dividido pelo número de dias de serviço no ano. O número de dias de serviço no ano é estimado em 285, isto é, 365 dias descontados de domingos, feriados e os vinte dias de férias a que o trabalhador tem direito.
- (5): — Considera-se o período de 1.º de agosto a 31 de maio como o de intenso trabalho na agricultura, tirando-se média aritmética simples do custo diário da mão de obra vigente em cada um desses dez meses.

A N E X O I I

Custo Médio de Operação de Máquinas, Veículos e Implementos — Safra 1964/65

Máquina, Veículo ou Implemento	Valor de reposição	Valor médio	Duração	Depre-	Reparos		Dias de serviço efetivo no ano	Consumo de combustível, óleo e graxa (Cr\$1 000) (**)	Custo de operação	
	(Cr\$1 000)	(Cr\$1 000) Metade de (1)	(anos)	ciação (anual) (Cr\$1 000) (1)÷(3)	%	(Cr\$1 000)			anual (Cr\$ 1 000) (4)+(6)+(8)	diário (Cr\$) (9)÷(7)
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)	(10)
TRAÇÃO MECANICA										
Trator médio	6 976,0	3 488,0	8	872,0	20	697,6	125	680,7	2 250,3	18 002.
Arado 3 discos 26"	536,8	268,4	5	107,4	25	67,1	60	9,3	183,8	3 063
Grade 28 discos 18"	412,0	206,0	7	58,8	20	41,2	25	7,4	107,4	4 296
Cultivador 11 enxadas	375,0	187,5	10	37,5	20	37,5	25	0,6	75,6	3 024
Carreta 3,5 t.	521,8	260,9	10	52,2	20	52,2	20	0,6	105,0	5 250
Plant. Adubadeira 2 linhas	820,0	410,0	10	82,6	20	82,0	25	0,6	164,6	6 584
Combinada	13 500,0	6 750,0	15	900,0	10	675,0	50	480,0	2 055,0	41 100
TRAÇÃO ANIMAL										
Arado de Aiveca	27,6	13,8	5	5,5	20	2,8	50	—	8,3	166
Grade de 15 dentes	20,3	10,2	10	2,0	10	1,0	35	—	3,0	87
Plant-Adubadeira 1 linha	65,4	32,7	8	8,2	10	3,3	18	—	11,5	639
Cultivador 5 enxadas	14,9	7,4	6	2,5	20	1,5	50	—	4,0	80
Carroça 2 rodas	102,1	51,0	10	10,2	20	10,2	160	—	20,4	128
Arreio p/carroça	36,4	18,2	6	6,1	20	3,6	160	—	9,7	61
Riscador bico de pato	10,6	5,3	7	1,5	25	1,3	40	—	2,8	71
MANUAL										
Polvilhadeira costal	36,4	18,2	5	7,3	20	3,6	18	—	10,9	606
Pulverizador costal	60,8	30,4	5	12,2	20	6,1	18	—	18,3	1 017

(*) — A estimativa das despesas com reparos anuais é feita percentualmente ao valor médio de máquinas, veículos ou implementos — segundo dados preliminares obtidos pela Divisão de Economia Rural.

(**) — O trator médio consome por ano (em 125 dias) 8 000 litros de combustível, 150 litros de óleo e 125 kg de graxa; a combinada (em 50 dias) 6 200 litros de combustível, 75 litros de óleo e 50 kg de graxa; para as demais unidades computamos somente graxa. Preço do combustível: Cr\$ 67/1. Preços do óleo lubrificante: Cr\$ 449/1. Preço da graxa: Cr\$ 620/kg.

A N E X O I I I

Custo Médio de Operação de Máquinas, Veículos e Implementos — Safra 1965/66

Máquina, Veículo ou Implemento	Valor de reposição	Valor médio	Duração total	Depreciação anual	Reparos anuais	Dias de serviço efetivo	Consumo de combustível, óleo e graxa	Custo de operação		
	(Cr\$1 000)	(Cr\$1 000) Metade de (1)	(anos)	(Cr\$1 000) (1)÷(3)	% (Cr\$1 000) (*)	no ano	(Cr\$1 000) (**)	anual (4)+(6)+(8)	diário (9)÷(7)	
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)	(10)
TRAÇÃO MECÂNICA										
Trator médio	9 555,0	4 777,5	8	1 194,4	20	955,5	125	1 224,5	3 374,4	26 955
Arado 3 discos 26"	650,0	325,0	5	130,0	25	81,3	60	16,8	228,1	3 802
Grade 28 discos 18"	530,0	265,0	7	75,7	20	53,0	25	13,4	142,1	5 686
Cultivador 11 enxadas	510,0	255,0	10	51,0	20	51,0	25	1,1	103,1	4 124
Carreta 3,5 t.	890,0	445,0	10	89,0	20	89,0	20	1,1	179,1	8 955
Plant. Adubadeira 2 linhas	1 120,0	560,0	10	112,0	20	112,0	25	1,1	225,1	9 004
Combinada	17 000,0	8 500,0	15	1 133,3	10	850,0	50	866,3	2 894,6	56 992
TRAÇÃO ANIMAL										
Arado de Aiveca	52,5	26,3	5	10,5	20	5,3	50	—	15,8	315
Grade de 15 dentes	35,0	17,5	10	3,5	10	1,8	35	—	4,3	150
Plant-Adubadeira 1 linha	106,6	53,3	8	13,3	10	5,3	18	—	18,6	1 036
Cultivador 5 enxadas	22,5	11,3	6	3,8	20	2,2	50	—	6,0	120
Carroça 2 rodas	170,0	85,0	10	17,0	20	17,0	160	—	34,0	213
Arreio p/carroça	56,1	28,1	6	9,4	20	5,6	160	—	15,0	94
Riscador bico de pato	17,9	9,0	7	2,5	25	2,3	40	—	4,8	120
MANUAL										
Polvilhadeira costal	52,0	26,0	5	10,4	20	5,2	18	—	15,6	867
Pulverizador costal	134,9	67,5	5	27,0	20	13,5	18	—	40,5	2 250

(*) — A estimativa das despesas com reparos anuais é feita percentualmente ao valor médio de máquinas, veículos ou implementos — segundo dados preliminares obtidos pela Divisão de Economia Rural.

(**) — O trator médio consome por ano (em 125 dias) 8 000 litros de combustível, 150 litros de óleo e 125 Kg de graxa; a combinada (em 50 dias) 6 200 litros de combustível, 75 litros de óleo e 50 kg de graxa; para as demais unidades computamos somente graxa. Preço do combustível: Cr\$ 120/l. Preço do óleo lubrificante: Cr\$ 830/l. Preço da graxa: Cr\$ 1 120/kg.

A N E X O IV
CUSTO DE OPERAÇÃO DE ANIMAL DE TRABALHO NO
ESTADO DE SÃO PAULO

I T E N S	S A F R A S	
	1964/65	1965/66
1 — Valor de animal novo, manso	Cr\$ 82 000	Cr\$ 124 000
2 — Valor médio do animal	Cr\$ 41 000	Cr\$ 62 000
3 — Vida útil de trabalho	15 anos	15 anos
4 — Número de dias de trabalho no ano	100 dias	100 dias
5 — Depreciação anual (1)	Cr\$ 12 000	Cr\$ 18 000
6 — Alimentação anual:		
6.1 — Aluguel de pasto (2)	Cr\$ 12 000	Cr\$ 18 000
6.2 — Milho consumido (3)		
6.2.1 — Quantidade	3,3 sacos	3,3 sacos
6.2.2 — Valor	Cr\$ 10 395	Cr\$ 13 860
7 — Manejo (4)	Cr\$ 5 316	Cr\$ 7 605
8 — Custo de Operação:		
8.1 — Anual (5)	Cr\$ 33 211	Cr\$ 47 729
8.2 — Diário (6)	Cr\$ 332	Cr\$ 477

(1): — Valor do animal novo dividido pela vida útil de trabalho.

(2): — Calculado segundo o critério: 12% do valor de um alqueire de pasto dividido pelo número de animais comportados em um alqueire. Para o Estado de São Paulo considera-se quatro animais por alqueire.

(3): — Considerando-se 2 kg de milho como ração suplementar nos dias em que o animal trabalha.

(4): — 15 minutos por animal, por dia de trabalho, em média. O que corresponde a 1 500 minutos ou, arredondando, 3 dias, por ano.

(5): — Soma dos itens: Depreciação anual, aluguel do pasto, valor do milho consumido e manejo.

(6): — Custo de operação anual dividido pelo número de dias de trabalho.

ESTATÍSTICAS

SECRETARIA DA AGRICULTURA

DEPARTAMENTO DA PRODUÇÃO VEGETAL

DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL E DIVISÃO DE FOMENTO AGRÍCOLA

PREVISÕES DA SAFRA 1965/66 DO ESTADO DE SÃO PAULO

Junho de 1966

Estimativa Final — 4.ª Previsão

Secções de Extensão Agrícola	CAFÉ (beneficiado)		ALGODÃO (em caroço)		ARROZ* (em casca)		MILHO *		FEIJÃO * (das águas)		FEIJÃO * (da sêca)	
	Mil pés	Mil sacas 60 kg	Alquei- res	Mil arrôbas	Alquei- res	Mil sacas 60 kg	Alquei- res	Mil sacas 60 kg	Alquei- res	Mil sacas 60 kg	Alquei- res	Mil sacas 60 kg
Araçatuba	39 650	333	39 200	9 136	16 970	608	22 080	1 480	2 250	31	1 660	23
Avaré	84 975	874	600	88	14 680	481	45 060	3 560	8 050	137	8 470	206
Bauru	66 270	564	6 200	1 105	7 380	302	21 130	1 212	2 970	54	3 690	81
Bebedouro	50 600	448	18 900	3 836	41 890	1 101	66 170	5 540	2 770	44	1 740	34
Campinas	36 670	238	5 600	1 387	6 530	328	34 990	2 464	1 680	42	4 970	122
Capital	435	6	7	2	380	10	7 500	206	830	17	460	6
Itapetininga	5 430	53	600	120	9 410	452	72 350	5 119	11 630	217	13 400	354
Jaú	44 100	414	5 100	1 132	19 010	468	29 050	2 073	3 060	56	1 140	57
Litoral	145	2	-----	-----	2 370	112	820	27	400	11	30	1
Marília	171 400	908	12 200	2 053	10 980	400	25 420	1 614	11 300	182	12 300	160
Piracicaba	7 610	95	2 100	576	6 870	262	19 230	1 285	2 120	26	1 450	51
Presidente Prudente	29 180	279	26 500	5 930	16 690	624	49 950	3 776	6 460	126	5 580	107
Ribeirão Preto	46 260	313	21 100	6 243	39 790	1 294	69 980	5 962	2 480	44	3 630	61
São João da Boa Vista ..	29 485	252	5 700	1 772	10 490	473	27 370	1 946	1 330	20	2 060	23
São José do Rio Preto ..	134 450	1 396	53 193	11 620	76 270	2 186	65 420	4 708	5 620	79	5 460	100
Vale do Paraíba	2 940	25	-----	-----	10 290	499	8 480	528	1 060	22	2 960	14
Total	750 000	6 200	197 000	45 000	290 000	9 600	565 000	41 500	64 000	1 108	69 000	1 400

(*) Inclui cultura intercalada.

(Continua)

Secções de Extensão Agrícola	AMENDOIM (das águas) em casca		AMENDOIM (da sêca)		BATATA (das águas)		BATATA (da sêca)		MANDIOCA		CANA INDUS- TRIAL	
	Alquei- res	Mil sacas 25 kg	Alquei- res	Mil sacas 25 kg	Alquei- res	Mil sacas 60 kg	Alquei- res	Mil sacas 60 kg	Alquei- res	Mil Tone- ladas	Alquei- res	Mil Tone- ladas
Araçatuba	7 850	1 490	5 210	565	----	----	----	----	1 650	79	3 530	460
Avaré	650	87	210	25	20	6	26	9	4 000	213	12 850	1 563
Bauru	2 760	544	1 430	209	25	5	----	----	1 250	56	20 800	2 863
Rebedouro	5 520	940	980	92	15	5	50	24	2 910	135	19 900	2 937
Campinas	70	18	60	11	825	608	540	330	3 100	180	17 950	2 367
Capital	10	3	----	----	2 040	1 132	1 093	554	820	24	570	38
Itapetininga	110	22	70	11	1 400	780	1 061	561	2 210	110	7 460	1 171
Jáú	4 550	938	250	118	----	----	----	----	1 670	74	43 000	7 105
Litoral	----	----	----	----	----	----	----	----	590	21	140	14
Marília	50 680	7 705	39 650	3 351	120	55	1 060	442	1 730	65	1 460	181
Piracicaba	120	20	15	15	30	7	29	9	3 150	175	69 900	7 457
Presidente Prudente	41 350	5 906	31 270	3 543	60	20	237	72	7 700	276	7 600	1 211
Ribeirão Preto	1 480	292	100	30	70	30	353	168	3 910	130	41 000	7 061
São João da Boa Vista ..	170	32	155	24	1 400	550	861	196	3 930	200	11 500	1 672
São José do Rio Preto ..	2 680	500	1 600	206	10	2	----	----	8 390	356	900	121
Vale do Paraíba	----	----	----	----	225	150	340	188	2 390	106	370	32
Total	118 000	18 500	81 000	8 200	6 230	3 350	5 650	2 553	49 400	2 200	258 930	36 253

(Continua)

Secções de Extensão Agrícola	CANA FORRA- GEIRA		FUMO EM CORDA		SOJA		CEBOLA		TRIGO		MAMONA	
	Alquei- res	Mil Tone- ladas	Alquei- res	Arrô- bas	Alquei- res	Sacas 60 kg	Alquei- res	Mil arrôbas	Alquei- res	Qui- los	Alquei- res	Mil sacas 50 kg
Araçatuba	1 160	137	----	----	80	3 670	5	4	----	-----	1 160	50
Avaré	560	52	----	----	15	500	26	10	98	240 000	350	16
Bauru	1 380	150	130	6 130	20	500	30	19	----	-----	1 000	65
Bebedouro	1 680	214	5	300	1 440	104 200	26	13	----	-----	5 760	289
Campinas	2 370	276	289	28 000	390	20 900	445	217	127	215 200	1	60
Capital	680	53	----	----	----	----	605	527	----	-----	----	----
Itapetininga	1 250	111	16	800	25	1 230	1 431	1 086	2 355	6 018 500	----	----
Jaú	910	79	7	350	145	17 500	397	303	----	-----	5 250	229
Litoral	----	----	----	----	----	----	----	----	----	-----	----	----
Marília	1 880	192	3	260	----	----	95	47	----	-----	3 620	178
Piracicaba	230	33	82	3 960	----	----	----	----	----	-----	----	----
Presidente Prudente	2 120	165	----	----	----	----	14	8	830	2 001 400	6 600	292
Ribeirão Preto	3 080	348	5	500	3 660	222 900	14	16	----	-----	580	51
São João da Boa Vista ..	3 020	288	23	1 000	----	----	492	553	----	-----	----	----
São José do Rio Preto ..	2 470	236	13	460	40	1 900	14	9	----	-----	3 240	198
Vale do Paraíba	3 780	312	105	6 965	10	110	43	24	----	-----	----	----
Total	25 570	2 646	678	48 725	5 825	373 410	3 637	2 836	3 410	8 475 100	27 650	1 428

(Continua)

Secções de Extensão Agrícola	TOMATE *		MELANCIA		TANGERINA		UVA DE MESA		UVA DE INDÚSTRIA	
	Alqui- res	Mil Caixas	Alqui- res	Tone- ladas	Mil pés	Mil Caixas	Mil pés	Mil Caixas	Mil pés	Tone- ladas
Araçatuba	215	277	101	5 130	33	77	38	11	----	----
Avaré	10	35	17	640	27	50	123	37	----	----
Bauru	29	63	88	3 105	143	373	104	29	----	----
Bebedouro	619	889	44	740	158	197	35	11	----	----
Campinas	2 261	3 558	53	2 139	380	576	23 500	5 260	5 745	18 128
Capital	404	1 447	48	2 900	175	291	2 171	631	6 537	13 043
Itapetininga	468	1 792	152	4 767	243	375	371	116	25	65
Jaú	2 127	1 508	----	----	132	200	2	1	10	20
Litoral	4	5	2	40	3	10	----	----	----	----
Marília	31	114	223	10 845	193	496	146	63	----	----
Piracicaba	115	576	81	2 300	1 646	1 189	140	25	3	7
Presidente Prudente	14	44	6	370	40	55	516	237	----	----
Ribeirão Preto	99	486	----	----	73	179	31	30	----	----
São João da Boa Vista	59	195	2	30	22	18	175	42	475	925
São José do Rio Preto	25	61	33	737	143	153	9	4	8	4
Vale do Paraíba	111	348	10	240	259	484	55	17	----	----
Total	6 591	11 398	860	33 980	3 670	4 723	27 416	6 514	12 803	32 192

(*) Inclui tomate para indústria.

SECRETARIA DA AGRICULTURA
DEPARTAMENTO DA PRODUÇÃO VEGETAL
DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL E DIVISÃO DE FOMENTO AGRÍCOLA

CULTURAS	Estimativa final da Safra de 1965/66			Estimativa Final da Safra de 1964/65			% de aumento ou decréscimo de produção
	Área 1 000 hect.	Produção 1 000 ton.	Rendimento kg/ha	Área 1 000 hect.	Produção 1 000 ton.	Rendimento kg/ha	
Café beneficiado	903,6	372,0	412	927,7	702,0	756	- 47
Algodão em carôço	476,7	675,0	1 416	653,4	507,0	776	+ 33
Arroz em casca	701,8	576,0	821	1 064,8	1 026,0	964	- 44
Milho	1 367,3	2 490,0	1 821	1 396,3	2 448,0	1 753	+ 2
Feijão das águas	154,9	61,1	394	169,6	103,0	619	- 41
Feijão da seca	167,0	84,0	503	160,7	84,0	523	0
Amendoim das águas	285,6	462,5	1 619	227,5	385,5	1 694	+ 20
Amendoim da seca	196,0	205,0	1 046	186,3	212,5	1 041	- 3
Batata das águas	15,1	201,0	13 300	18,9	234,3	12 397	- 14
Batata da seca	13,7	153,2	11 182	15,2	181,8	11 960	- 18
Mandioca	119,5	2 200,0	18 410	135,3	2 187,0	16 160	+ 1
Cana para indústria	626,6	36 253,0	57 857	629,8	36 522,0	57 990	- 1
Cana forrageira	61,9	2 646,0	42 746	65,0	2 570,0	39 538	+ 3
Fumo em corda	1,6	0,7	437	1,8	0,7	400	0
Soja	14,1	22,4	1 589	7,2	10,6	1 472	+111
Cebola	8,8	42,5	4 829	9,0	42,7	4 744	- 1
Trigo	8,2	8,5	1 036	7,3	6,5	890	+ 31
Mamona	66,9	71,4	1 067	65,4	67,1	1 026	+ 6
Tomate*	15,9	284,9	17 918	9,8	267,1	27 255	+ 7
Melancia	2,1	34,0	16 190	3,6	44,8	12 444	- 24
Uva de mesa	-----	52,1	-----	-----	64,9	-----	- 20
Uva para indústria	-----	32,2	-----	-----	30,6	-----	+ 5
Girassol	4,2	5,4	1 286	2,9	4,3	1 483	+ 26
Banana	74,4	539,4	7 250	82,5	508,6	6 165	+ 6
Laranja	102,6	1 160,5	11 267	123,5	1 167,8	9 456	- 1

(*) Inclui tomate para indústria.

São Paulo, 26 de julho de 1966

PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE SÃO PAULO*
(em cruzeiros)

SECRETARIA DA AGRICULTURA

DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

I T E N S	Unidade	1 9 6 6				
		1965 Junho	Março	Abril	Maio	Junho
Boi acima de 3 anos	Cabeça	92 700	185 900	199 400	225 400	228 200
Boi de 2 a 3 anos	»	74 600	158 500	166 700	193 500	190 500
Bezerro de 1 a 2 anos	»	51 300	120 000	131 800	139 800	152 800
Bezerro até 1 ano	»	33 400	81 600	90 200	96 400	100 800
Boi Gordo	15 kg	7 980	14 600	15 700	16 000	16 400
Vaca Gorda	15 kg	6 870	13 200	14 000	14 600	15 000
Leite	litro	105	119	140	150	162
Excesso de quota	»	98	104	117	123	147
Gordura acréscimo por	»	10	13	13	13	13
Vaca Holandeza	Cabeça	268 500	399 200	426 300	427 700	412 200
Vaca Comum	»	149 900	211 500	245 300	264 500	237 000
Porco caixa até 60 kg	»	32 000	41 700	38 600	38 700	35 600
Porco caixa mais de 60 kg	»	43 300	52 400	48 700	49 500	46 400
Porco Gordo	15 kg	12 600	13 000	13 500	13 500	12 600
Frango raça especializada	kg vivo	768	952	929	900	1 061
Galinha caipira	Cabeça	1 368	1 905	1 916	1 879	2 070
Galinha Leghorn	»	911	1 285	1 320	1 275	1 320
Galinha Leghorn	kg vivo	549	775	751	735	757
Ovos casca branca	dúzia	568	707	771	633	719
Ovos casca vermelha	»	592	718	804	707	736
Ovos caipira	»	543	697	720	706	708

(*) Dados apurados pela Secção de Análise de Mercado e Preços, sujeitos à revisão posterior.

PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS PELOS LAVRADORES
JUNHO DE 1966 (*)

SECRETARIA DA AGRICULTURA
SEÇÃO DE ANÁLISE DE MERCADO E PREÇOS
DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

Z O N A S	CAFÉ			Algodão em carvão por arrôba	Amendoim em casca saca de 25 kg	Mamona por quilo	ARROZ		Feijão saca 60 kg	Milho saca 60 kg	Batata saca 60 kg	Cebola por arrôba
	em cocô por quilo de renda	saca 40 kg	Benef. saca 60 kg				em casca scs. de 60 kg	benef. scs. 60 kg				
Araçatuba (1)	497	10 000	32 090	4 200	5 320	184	13 990	21 370	27 150	4 380	20 620	8 450
Avaré (2)	540	10 000	32 370	4 240	5 370	162	14 350	23 620	23 800	4 200	17 140	6 760
Campinas (3)	492	10 310	30 850	4 630	—	—	14 510	22 470	26 270	4 530	20 670	6 160
Marília (4)	512	9 450	29 870	4 080	5 500	161	12 820	21 160	25 070	4 410	18 320	6 000
Pres. Prudente (5)	500	10 000	32 250	4 090	5 490	159	14 060	19 650	29 460	4 660	18 740	8 150
Rib. Preto (6)	536	10 730	33 990	4 230	5 410	198	13 700	21 420	25 320	3 690	20 470	8 000
S. J. Rio Preto (7)	506	10 330	32 180	4 070	5 760	166	13 140	21 330	28 580	3 810	23 710	7 500
São Paulo (8)	530	10 600	36 500	—	—	—	12 390	21 420	24 730	4 920	22 170	7 330
Taubaté (9)	—	—	—	—	—	—	12 000	19 000	31 000	4 900	23 000	7 600
Média ponderada do Es- tado no mês de junho de 1966	513	9 970	31 530	4 160	5 500	173	13 550	21 550	25 330	4 180	20 070	6 790
Idem em 5/66	489	10 100	31 650	4 340	5 750	153	13 120	19 180	28 940	4 360	23 850	9 350
Idem em 4/66	487	10 100	30 760	4 300	5 690	142	10 300	16 400	35 090	4 360	24 160	7 260
Idem em 3/66	477	9 840	30 050	4 570	5 740	126	9 310	15 210	26 600	4 680	22 570	7 400
Idem em 2/66	473	10 090	30 480	4 480	5 470	113	8 970	14 380	22 380	5 020	19 280	6 120
Idem em 1/66	480	10 210	30 950	—	4 820	116	9 010	14 080	18 570	5 350	12 090	4 740
Idem em 12/65	469	9 950	30 200	—	5 030	122	8 450	13 790	18 100	4 950	13 230	4 760
Idem em 11/65	462	9 920	29 730	—	5 190	126	8 600	13 180	16 060	4 740	15 220	4 970
Idem em 10/65	464	9 810	30 010	—	5 450	131	8 500	13 260	15 570	4 320	16 630	3 900
Idem em 9/65	458	9 930	30 250	4 150	5 500	159	8 080	12 930	13 920	3 940	16 430	4 810
Idem em 8/65	451	9 540	29 740	4 030	4 480	112	6 660	10 720	11 780	3 270	9 220	5 930
Idem em 7/65	441	8 780	29 020	4 080	4 490	88	5 750	9 850	11 190	3 260	8 810	4 530
Idem em 6/65	452	8 950	30 740	4 200	4 450	82	5 450	9 100	10 910	3 220	7 430	2 370

(*) Dados sujeitos à revisão posterior.

NOTA: Nas zonas acima estão incluídas as seguintes Chefias de Extensão Agrícola: (1) Araçatuba, Bauru e Jaú; (2) Avaré e Itapetininga; (3) Campinas, Piracicaba, São João da Boa Vista; (4) Marília; (5) Pres. Prudente; (6) Rib. Preto e Bebedouro; (7) São José do Rio Preto; (8) São Paulo e Registrós; (9) Taubaté.